

A atividade da ovinocultura na Região Metropolitana de Umuarama ainda não é muito citada, pois faltam estudos referentes à mesma. Para isso, necessita-se a compreensão do todo, seguindo um enfoque sistêmico, os quais participam todos os segmentos da cadeia formando elos desse processo.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento para verificar os anseios dos ovinocultores da região metropolitana de Umuarama, situada na região noroeste do Paraná.

METODOLOGIA

Através de agendamento prévio realizado pela Sociedade Rural de Umuarama realizou-se uma reunião com um grupo de ovinocultores da Região Metropolitana de Umuarama.

Nesta reunião, foi exposto como deve ser conduzido uma criação econômica de ovinos e lhos foi pedido que respondessem um questionário com perguntas relacionadas a localização da propriedade, sobre a quantidade e raça do rebanho, tamanho da propriedade, principal alimentação utilizada, qual o principal problema da criação e desejo de aumentar o número de animais.

Na reunião estiveram presentes 15 produtores, aos quais 13 responderam o questionário.

Quatro produtores eram de Umuarama, três de São Jorge do Patrocínio, dois de Alto Paraíso, um de Esperança Nova, um de Iporã e um de Cafezal do Sul; e um produtor não informou sua origem.

Após coletados, estes resultados foram submetidos a uma análise estatística descritiva.

RESULTADOS

Após a coleta dos questionários, alguns dados interessantes foram obtidos, como por exemplo a distribuição municipal, tipo de pastagem utilizada, sistema de criação, raças utilizadas, como demonstrado na Tabela 1.

Assunto	Resultados					
Distribuição municipal	Umuarama 4	São Jorge 4	Iporã 1	Esperança Nova 1	Alto Paraíso 2	Cafezal do Sul 1
Região rural	Região urbana 15%	Padrão Bompar 54%	Padrão Santa Inês 15%	Padrão Tocantins 15%	Sem padrão 16%	
Gramíneas	Plantas 38%	Estrela Africana 31%	Tifton 8%	Sem registro 23%		
Principal problema	Vermes 48%	Falta de assistência 11%	Estação de inverno 11%	Doença de intestino 11%	Alimentação 11%	Mortalidade 11%
Municípios	Atual 677	Perspectiva 2715				
Abates	251	1005				

Fonte: Questionário próprio

A grande maioria dos produtores não usa animais puros como reprodutores, pois apenas 1 produtor possui animal registrado em Associação de Criadores. Um total de 54% dos produtores apresenta reprodutores com padrão racial Dorper, 15% padrão racial Texel, 15% Santa Inês e 16% dos reprodutores não apresentam qualquer padrão racial. Isto é um fato preocupante, pois sabe-se que há uma melhor produção de carne de animais de determinadas raças.

Com relação às gramíneas forrageiras utilizadas pelos ovinocultores, 38% da área está composta por gramíneas do gênero *Panicum sp.*; 31% fazem uso de Grama Estrela Africana e 8% utilizam Tifton, 23% não responderam. Estas gramíneas estão plantadas em uma área de 69 hectares (28,5 alqueires), sendo uma média de 6,3 hectares (2,6 alqueires) por propriedade.

O principal problema relatado pelos próprios produtores foi o controle de verminoses (45% das respostas), e as demais respostas ficaram divididas entre falta de assistência técnica, implantação de estação de monta, falhas na divisão de lotes dos animais, problemas relacionados a alimentação animal e mortalidade de animais jovens.

Atualmente, entre os que responderam, existe um total de 677 matrizes, com uma média de 52 ovelhas por produtores, e uma opinião unânime entre estes produtores é o desejo de aumentar o seu plantel, chegando a 2715 ovelhas (Figura 1). Se mantiverem a mesma capacidade de abate passarão a ter 1005 animais abatidos por ano, atualmente são 251 animais, mas este valor (251), apesar de ser suposição, certamente é subestimado.

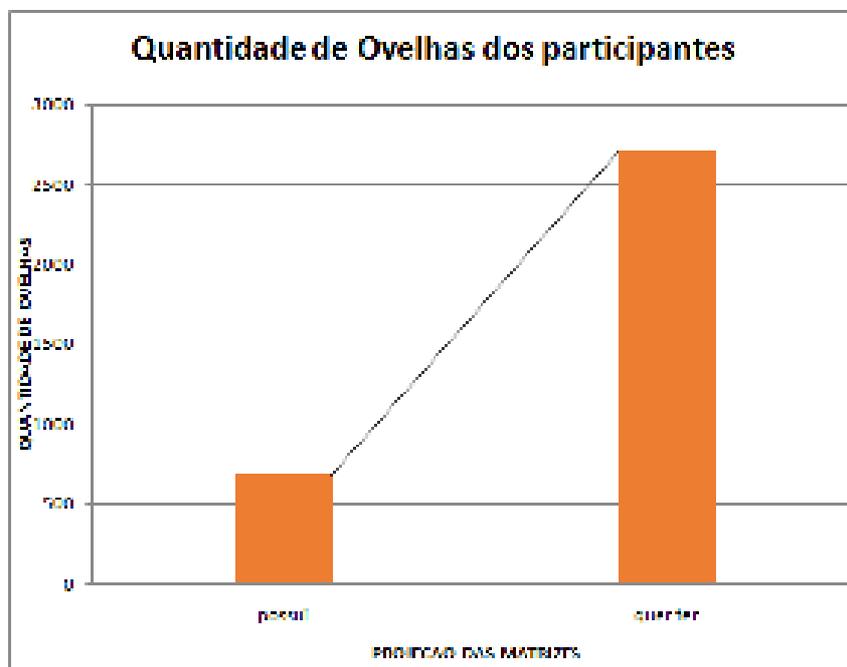


Figura 1. Projeção de crescimento do rebanho por parte dos ovinocultores.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a grande maioria dos produtores não usa animais puros como reprodutores; a maior parteda área está composta por gramíneas do gênero *Panicumsp.*

o principal problema relatado foi o controle de verminoses; além disso, há interesse em se aumentar o número de matrizes por parte dos ovinocultores.

REFERÊNCIAS

DECKER, Sérgio Renato Ferreira; FERNANDES, Doralino Antônio Cunha; GOMES, Mário Conill. *Gestão Competitiva na Produção de Ovinos*. Agropampa: Revista de Gestão do Agronegócio, v. 1, n. 1, 2016.

DERAL: Números da pecuária Paranaense: Ano de 2017. Disponível em <<http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/nppr.pdf>>. Acessado em 02/09/2017.

MEXIA, Alexandre Agostinho et al. *Susceptibilidade a nematóides em ovelhas Santa Inês, Bergamácia e Texel no Noroeste do Paraná Susceptibility to nematodes of Santa Inês, Bergamácia and Texel in the northwest of Paraná*. Semina: Ciências Agrárias, Londrina, v. 32, n. suplemento 1, p. 1921-1928, 2011.

Sessão 7 – Texto 120

AVALIAÇÃO DO ATENDIMENTO HUMANIZADO À PUÉRPERAS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO REGIONAL DE MARINGÁ

Área Temática: Saúde

**Guilherme Franco Viléla¹, Jéssica Sanches da Silva², Jessica Torquetti Heberle³,
Magda Lúcia Félix de Oliveira⁴**

¹Aluno do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, bolsista pelo projeto de extensão Jovens Acolhedores, contato: guifvilela@hotmail.com

²Psicóloga no Centro de Controle de Intoxicações do Hospital Universitário Regional de Maringá, contato: sanches-17@hotmail.com

³Psicóloga no Centro de Controle de Intoxicações do Hospital Universitário Regional de Maringá, contato: jessicatheberle@gmail.com

⁴Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Docente do Curso de Graduação e Pós- graduação em Enfermagem – DEN/UEM, contato: mlfoliveira@uem.br

Resumo: *A Pesquisa de Avaliação do Atendimento Humanizado à Puérperas no Hospital Universitário Regional de Maringá, iniciou em 2014, no âmbito do projeto de extensão universitária Jovens Acolhedores: avaliando a satisfação dos usuários do HUM e articulada ao Serviço de Ouvidoria do Hospital. A presente comunicação objetiva apresentar os dados coletados em entrevistas semiestruturadas realizadas com puérperas internadas na Unidade de Obstetrícia e no Pronto Socorro do hospital, no ano de 2016. Foram entrevistadas 692 puérperas, que avaliaram a presença de acompanhantes durante o parto e quando ocorreu o primeiro contato com o bebê, e informaram satisfação com o serviço oferecido pelo Hospital.*

Palavras-chave: *Satisfação do Usuário - Nascimento - Parto Humanizado*

INTRODUÇÃO

Devemos levar em consideração a maneira como as maternidades tiveram efeito na vida da mulher, pois são instituições que têm um poder incisivo na família ao controlar quando e como ocorrerá o parto. Também selecionam as pessoas que poderão ter contato com a mãe e com o filho, além de vigiar o comportamento das pessoas que visitarão essa mãe. Por esses motivos, consideramos que a prática do parto tem ações desumanizadoras (SOUZA; GAÍVA; MODES, 2011).

A efetivação da proposta de atenção humanizada à puérpera, que garanta o acesso e participação de acompanhantes desejados durante todo o processo do parto e pós- parto, implica em maior conforto e segurança em um momento tão importante e marcante da vida da mulher, que se torna mãe, e de seu filho, que recebe afeto e proteção (SOUZA; GAÍVA; MODES, 2011).

Partindo da perspectiva de humanização ao parto, que tem como foco as diretrizes que abarcam o acolhimento da gestante, da escolha do acompanhante e do recém-nascido, desde 2014, é realizada no hospital a Pesquisa de Avaliação ao Atendimento Humanizado à Puérperas, conduzida pelos integrantes do Projeto de

Extensão Universitária Jovens Acolhedores: avaliando a satisfação dos usuários do HUM, articulada ao Serviço de Ouvidoria do Hospital e à Comissão Gestora Local da Rede Mãe Paranaense.

OBJETIVO

Apresentar os dados coletados na Pesquisa de Avaliação do Atendimento Humanizado à puérperas no ano de 2016, internadas na Unidade de Obstetrícia e no Pronto Socorro do hospital.

MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo descritivo e transversal, realizado no Hospital Universitário Regional de Maringá - HUM. Hospital de ensino público da Universidade Estadual de Maringá - UEM, onde são realizadas atividades de assistência, de ensino e pesquisas.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, composto por cinco questões para identificar os níveis de humanização do atendimento no HUM, como entender se a gestante foi oportunizada a ter um acompanhante, de sua livre escolha no momento do parto, e se houve o contato mãe-bebê imediatamente após o nascimento e, caso a resposta fosse afirmativa, qual foi a duração desse contato.

A aplicação do questionário teve frequência diária, e foi realizada por alunos do curso de graduação em Psicologia, residentes do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde na Atenção à Urgência e Emergência e mestrandos do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, vinculados à UEM, e integrantes do projeto de extensão universitária Jovens Acolhedores: avaliando a satisfação dos usuários do HUM.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2016, foram entrevistadas 692 puérperas. Quanto ao primeiro critério avaliado, a maioria relatou ter tido o acompanhante desejado durante o trabalho de parto (81%), durante o parto (58%) e após o nascimento (87,1%). É importante entender que este é um momento marcante na vida dos familiares, pois, no parto ocorre a construção de vínculos pessoais. Logo, a presença do acompanhante está inclusa no processo de humanização do nascimento, pelos benefícios à família e aos profissionais e segurança às mulheres (DODOU et al, 2014).

Considerando que o primeiro momento do nascimento permite troca de afetos e de proteção ao recém-nascido, contribuindo para o fortalecimento de laços afetivos mãe-bebê (SILVA et al., 2013), ao avaliar se "a puérpera *pegou* o bebê logo após o nascimento", constatou-se que metade das entrevistadas tiveram esse momento (50%). Predominou-se o contato "corpo nu da mãe com o corpo nu do bebê" (61,3%), com duração entre "um a cinco minutos" (70,2%), realizado do "centro cirúrgico até o alojamento conjunto" (51,4%). Os casos em que as mães que não tiveram contato com os filhos logo após o parto foram justificados pela demanda de estabilização clínica do bebê ou mesmo da puérpera, após a realização da assistência necessária, a equipe de saúde estimulava o contato mãe-filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi levantado conclui-se, portanto, que os dados apontaram um bom serviço acerca do atendimento recebido desde o momento de entrada no hospital até o nascimento de seus filhos. Grande parte das entrevistadas disseram ter a oportunidade de serem acompanhadas por alguém de livre escolha, tanto no momento do parto quanto no período seguinte. E assim que o bebê nasce, é proporcionado o contato mãe-filho. Verificou-se que a equipe do HUM assume um papel de suporte à puérpera e à família, cumprindo com os critérios de humanização propostos pelo Ministério da Saúde. O resultado dessas práticas permite que o público receba o acolhimento e atenção qualificada no pré-parto, parto e puerpério.

REFERÊNCIAS

- DODOU, H. D.; et al. *A contribuição do acompanhante para a humanização do parto e nascimento: percepções de puérperas*. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2014.
- HUÇULAK, M. C.; PETERLINI, O. L. G. *Rede Mãe Paranaense: Um relato de experiência*. Revista Espaço para a Saúde, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-86, abr. 2014.
- SOUZA, T. G.; GAÍVA, M. A. M.; MODES, P. S. S. A. *A humanização do nascimento: Percepção dos profissionais de saúde que atuam na atenção ao parto*. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, p. 479-86, 2011.
- SILVA, R. C. et al. *O discurso e a prática do parto humanizado de adolescentes*. Texto contexto - enferm., v. 22, n. 3, p. 629-636, Set 2013.

Sessão 7 – Texto 123

Cuidando de pacientes oncológicos sem possibilidades de cura em um projeto de extensão universitária

Área Temática: Saúde

Catarina Aparecida Sales¹, Sonia Silva Marcon², Gabriella Michel dos Santos Benedetti³, Julia Wakiuchi⁴, Kelly Piolli⁵, Laura Razente Grespan⁶

¹Prof.^a da Pós-Graduação em Enfermagem – PSE/UEM, contato: casales@uem.br

²Prof.^a Depto de Enfermagem – DEN/UEM e da Pós-Graduação em Enfermagem – PSE/UEM, E-mail: soniasilva.marcon@gmail.com

³Aluna do curso de Doutorado em Enfermagem – PSE/UEM, contato: enfermeiragabi@hotmail.com

⁴Aluna do curso de Doutorado em Enfermagem – PSE/UEM, contato: julia.wakiuchi@gmail.com

⁵Aluna do curso de Doutorado em Enfermagem – PSE/UEM, contato: kellyiap.enf@gmail.com

⁶Aluna do curso de Enfermagem, bolsista Pibex – UEM, contato: laurarazentegrespan@hotmail.com

Resumo. *Esse relato ocupa-se em descrever a experiência de graduandos e pós-graduandos de enfermagem ao assistir pacientes com câncer sem possibilidades de cura em um projeto de extensão universitária. Por meio do projeto de extensão intitulado “Cuidados paliativos aos doentes com câncer e suas famílias” são realizadas visitas domiciliares semanais a pacientes com câncer. As ações desenvolvidas nos domicílios baseiam-se nos pressupostos éticos, filosóficos e assistenciais dos cuidados paliativos, com vistas a melhorar as condições de vida desses seres, oportunizando um cuidado holístico que assegure qualidade aos dias que lhes restam. Participar desse projeto nos leva a reflexão do papel do enfermeiro que assiste o doente que vivencia a impossibilidade da cura, devendo ocupar-se de atender necessidades bio-psico-socio-espirituais do doente e família, amenizando o sofrimento inerente ao momento vivido.*

Palavras-chave: neoplasias - cuidados paliativos- enfermagem

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas o perfil de morbimortalidade da população brasileira vem sofrendo mudanças significativas, conduzindo as condições crônicas ao novo centro da atenção dos problemas de saúde da população em detrimento as doenças infectocontagiosas que no passado eram o foco (BRASIL, 2014).

O câncer, nesse contexto, ganha evidência pelo seu crescimento expressivo no cenário atual e impacto que vem causando como segunda causa de morte por doença no país. Para os anos 2014/2015 estimou-se aproximadamente 576 mil casos novos (BRASIL, 2014), já para os anos de 2016/2017 estima-se a ocorrência de 600 mil novos doentes por ano e 190 mil mortes no mesmo período (BRASIL, 2015).

Diante desses dados e apesar dos avanços tecnológicos nessa área, o câncer permanece sendo concebido como uma doença ameaçadora e historicamente estigmatizada pela possibilidade da morte, adentrando inúmeros lares e atingido um número cada vez maior de pessoas. Estas passam a conviver com a dor e sofrimento que o agravo carrega consigo (LEITÃO; DUARTE; BETTEGA, 2013). Os desconfortos

gerados vão além do sofrimento físico, comprometendo os projetos de vida do doente e de sua família durante toda a trajetória da doença, o que também os deixam vulneráveis a prejuízos psicológicos e sociais (SILVA; CRUZ, 2011).

Portanto, cuidar durante esse processo de doença e morte representa um desafio, já que comumente os profissionais têm como principal objetivo a recuperação do doente. A morte então passa a representar o caminho contrário do desfecho almejado e representa para o profissional o fracasso das ações que implementou em prol da vida, trazendo-lhe a sensação de missão não cumprida (MENEGÓCIO; RODRIGUES; TEIXEIRA, 2015).

Logo, faz-se necessário que os profissionais estejam preparados para realizar tal tarefa, enquanto houver vida, assim como quando a morte se fizer presente. Em especial os enfermeiros que, se fazem presentes nos mais variados locais de atenção à saúde e por tempo integral acompanhando esse caminhar. Impõe-se a esse profissional sensibilidade para lidar com as fragilidades humanas, que demanda a capacidade em gerenciar sentimentos e emoções do outro, bem como os próprios anseios, diante daquele que vivencia a impossibilidade da cura (MENEGÓCIO; RODRIGUES; TEIXEIRA, 2015).

A fim de atender melhor às necessidades que surgem neste contexto de cuidado, destaca-se uma assistência alicerçada nos princípios dos Cuidados Paliativos, sendo imprescindível esta abordagem em se tratando de humanização da assistência, em condições que ameaçam a continuidade da vida. Essa relevância se dá uma vez que, por meio deste, realiza-se o cuidado promovendo a dignidade do ser, lhe proporcionando conforto, alívio da dor e sofrimento em todos os âmbitos, além de valorizar a comunicação aberta, a assistência a família e o cuidado individual a cada ser humano (SILVA et al., 2014).

Diante da importância desse olhar aos pacientes e seus familiares e, a carência de disciplinas que abordem o processo de adoecimento e morte nos cursos de graduação, projetos de extensão universitária podem preencher essa lacuna. De tal forma poderão ser minimizadas as dificuldades dos estudantes em lidarem com doenças como o câncer, preparando-os para assistir doente e família que vivenciam esse processo e possibilitando, por meio das ações extensionistas, melhorar a qualidade de vida dos doentes, fornecendo-lhes suporte para o enfrentamento dessa trajetória (SALES *et al.*, 2009; BENEDETTI *et al.*, 2013).

Esse relato ocupa-se em descrever a experiência de graduandos e pós-graduandos de enfermagem ao assistir pacientes com câncer sem possibilidades de cura em um projeto de extensão universitária.

DESENVOLVIMENTO

O Projeto de Extensão intitulado “Cuidados paliativos aos doentes com câncer e suas famílias” foi criado no ano de 2004 e está vinculado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá – UEM e ao Nepaaf - Núcleo de Pesquisa, Apoio e Assistência à Família, sendo coordenado por docente deste departamento. Atualmente conta com três enfermeiras alunas de doutorado e duas alunas de graduação em enfermagem da UEM.

O contato com as famílias acompanhadas tem se dado por meio das Unidades

Básicas de Saúde – UBSs, e da Rede Feminina de Combate ao Câncer – RFCC, localizadas no município de Maringá-Pr. Esta última trata-se de uma organização social sem fins lucrativos que atende pacientes com câncer, em qualquer faixa etária, comprovadamente sem condições financeiras, residente nas cidades pertencentes a 15ª Regional de Saúde, disponibilizando os serviços de enfermagem, fisioterapia, psicologia, farmácia, assistência social e assessoria jurídica.

As UBSs, bem como a RFCC, fazem a ponte entre os participantes do projeto e os pacientes oncológicos e seus familiares, indicando aqueles que consideram necessitar de cuidados paliativos e encaminhando-os para que recebam acompanhamento do projeto. Por meio das visitas domiciliares semanais, pessoas acometidas pelo câncer e suas famílias se beneficiam da ação extensionista que promove assistência fundamentada nos cuidados paliativos, durante o processo de adoecimento e no período de luto, quando enfim a morte adentra seus lares. As ações desenvolvidas são baseadas nos pressupostos éticos, filosóficos e assistenciais dos cuidados paliativos, com vistas a melhorar as condições de vida desses seres, oportunizando um cuidado holístico e assegurando-lhes qualidade aos dias que lhe restam.

Nesse aspecto, as atividades realizadas consistem em visitas domiciliares aos pacientes oncológicos e seus familiares, procurando sempre aliviar a dor não só física como também emocional, social e espiritual, sendo que tais dimensões podem ser amplamente afligidas pelo sofrimento advindo com a doença e, principalmente, com o aproximar da morte. Orientações também são dadas quanto ao tratamento quimioterápico e radioterápico, suas reações adversas, complicações, curativos, dieta, entre outros cuidados. Além do apoio aos seus cuidadores que também vivem um momento difícil, onde muitas vezes se sentem impotentes ao presenciarem a situação delicada em que seu familiar se encontra.

O paciente e seus familiares requerem um cuidado individualizado, com vistas a eliminar dores e angustias que vivenciam nessa fase. Sendo este, o principal objetivo a ser alcançado a cada encontro realizado no projeto. Quando adentramos nos lares dessas pessoas, presumimos que cada um é um ser único, com uma realidade e história. Logo, testemunhamos a manifestação dos mais variados sentimentos e vivências, que deixam marcas e se tornam especiais em nossas vidas, agregando significativo valor em nossa formação profissional e pessoal. Com isso, nos tem proporcionado conhecimentos repletos de riqueza e de minúcias que passam a envolver o nosso cotidiano.

CONCLUSÃO

As vivências nesse projeto de extensão trouxeram-nos a consciência quanto ao nosso real papel em amenizar a dor física e emocional de quem experiencia a impossibilidade de cura e de seus familiares. Atendendo suas necessidades bio-psico-socio-espirituais, promovendo a autonomia e independência do ser humano, ainda que esteja vivenciando o fim de sua vida. Aproximar-se dessa realidade revelou-nos a urgência em perceber paciente e família como uma unidade de cuidado, que exige assistência de enfermagem qualificada e, embasada nos cuidados paliativos.

Para tanto, é fundamental que se oportunize experiências como esta durante a formação profissional e que se invista na qualificação dos profissionais e em novos estudos na área. A presença do enfermeiro se faz fundamental nesse contexto, pois representa uma estratégia de cuidado que vai além de proporcionar conforto técnico, é

uma atitude que abrange um momento de zelo e empatia com o paciente e a família apoiando-os durante essa trajetória.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI G. M. S et al. Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. Rev Gaúcha Enferm. v. 34, n. 1, p.173-179, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2015. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/wcm/dncc/2015/estimativa-2016.asp>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Estimativa 2014: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2014. 124 p.

LEITÃO, B. F. B.; DUARTE, Í. V.; BETTEGA, P. B. Pacientes com câncer de cavidade bucal submetidos à cirurgia: representações sociais acerca do adoecimento e tratamento. Revista da SBPH, v.16, n.1, p.113-140, 2013.

MENEGÓCIO, A. M.; RODRIGUES, L.; TEIXEIRA, G. L. Enfermagem Oncologia: relação de afetividade ou meramente técnica. Ensaios Cienc., Cienc. Biol. Agrar. Saúde, v.19, n.3, p. 118-123, 2015.

SALES, C. A. et al. Cuidados paliativos: relato de experiência de sua aplicabilidade em um projeto de extensão. Ciênc. cuid. saúde, v. 8, n. supl, p. 125-129, 2009.

SILVA, R. C. V.; CRUZ, E. A. Planejamento da assistência de enfermagem ao paciente oncológico. Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 180-185, 2011.

SILVA, W.C.B.P. et al. Nursing team perception of oncological palliative care: a phenomenological study. Online braz j nurs [internet]. v. 13, n. 1, p. 72-81, Mar/ 2014. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4125> Acesso em: 08 set. 2017.

Sessão 7 – Texto 124

O projeto de extensão no acompanhamento de indivíduos/famílias com condição crônica e na formação de enfermeiros

Área temática: Saúde

Aghata Larissa da Silva Vilar¹, Vanessa Carla Batista², Evelin Matilde Arcain Nass², Pamela dos Reis², Hellen Emília Peruzzo³, Lorena Vicentine Coutinho Monteschio³, Ana Patrícia Araújo Torquato Lopes³, Sonia Silva Marcon⁴

¹Aluna do 1º ano do Curso de Enfermagem, UEM, contato: Aghata-larissa18@hotmail.com

²Enfermeiras. Mestrandas em Enfermagem – UEM, contato: vane.vcb@hotmail.com; evelinmarcain@gmail.com; pamdosreis@gmail.com

³Enfermeiras. Doutorandas em Enfermagem – UEM, contato: hellen_peruzzo@hotmail.com; helorenn@gmail.com; anaptorquato@hotmail.com ⁴Dra. em Filosofia da Enfermagem. Profª da Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da UEM. Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas, Assistência e Apoio a Família (NEPAAF), contato: soniasilva.marcon@gmail.com

Resumo: *Trata-se de um relato de experiência acerca das atividades realizadas por integrantes do projeto de extensão “Assistência e apoio a família de pacientes crônicos no domicílio”. O projeto de extensão tem como objetivo vincular a teoria à prática, e com o envolvimento do ensino e da pesquisa contribuir para uma melhor formação acadêmica, além de proporcionar aos alunos contato direto com a comunidade. Atuar na construção de ambientes saudáveis à recuperação da saúde, preservando os laços afetivos e fortalecendo a autoestima dos indivíduos, transforma-os em sujeitos ativos e autônomos no processo saúde-doença. Pode-se perceber a importância do projeto de extensão como ferramenta de apoio as famílias para o enfrentamento a doença crônica.*

Palavras-chave: *Visita Domiciliar – Cuidados de enfermagem - Família*

INTRODUÇÃO

A extensão universitária é um processo educativo, científico e cultural que busca a articulação entre ensino e pesquisa. É compreendida como uma construção de saberes compartilhados, em via de mão dupla, entre acadêmicos e a comunidade. Tem-se como consequência a produção de conhecimento, por meio da vivência com a realidade brasileira e regional. Assim, a Universidade retorna para a comunidade o aprendizado que foi submetido à reflexão teórica (NOGUEIRA, *et al.*, 2013).

Neste sentido, a extensão tem importante significado sobre a formação acadêmica, em especial na formação do enfermeiro, servindo como um modelo de atenção à saúde com característica humanizada, tendo em vista que não está apenas pautada nos atos clínicos da profissão inerentes ao modelo biomédico (OLIVEIRA; JUNIOR, 2015).

A relação universidade e comunidade faz com que o acadêmico se torne consciente da realidade que o circunda e da qual ele deverá ser participativo. Assim, ele terá conhecimento das mais variadas ferramentas que influenciam o local de vivência,

podendo ampliar seu horizonte a fim de tentar minimizar ou solucionar um ou vários problemas (OLIVEIRA; JUNIOR, 2015).

A extensão universitária visa levar, por um lado, às comunidades carentes, o desenvolvimento e a aplicação de pesquisas e ensinamentos realizados em seus departamentos acadêmicos, buscando modificar realidades e melhorar a qualidade de vida das populações assistidas. Por outro lado, abre a convivência e a interação com as comunidades e, no convívio, novos conhecimentos são descobertos e situações diferentes daquelas vivenciadas nas clínicas intramuros acontecem; constrói-se, dessa forma, uma pluralidade que flexibiliza a elaboração de projetos de pesquisas e fortalece o ensino que ali se constituem (MOURA *et al.*, 2012).

A valorização da prática como peça fundamental da formação assume a ideia de que os alunos ingressam em uma instituição de ensino superior para terem acesso a um conhecimento e que os professores são responsáveis por transmitir este durante a prática por possuírem esse saber (OLIVEIRA; JUNIOR, 2015).

Ao encontro das necessidades deste contexto, o projeto de extensão tem como proposta vincular a teoria à prática, e com o envolvimento do ensino e da pesquisa contribuir para uma melhor formação acadêmica, além de proporcionar aos alunos contato com a comunidade e campo para aplicação dos conhecimentos aprendidos dentro da sala de aula (MORENO *et al.*, 2014).

O presente relato de experiência teve como objetivo relatar a importância de um projeto de extensão no acompanhamento a pessoas com doenças crônicas e suas famílias, assim como o mérito para formação acadêmica de futuros enfermeiros.

METODOLOGIA

Consiste em um relato de experiência realizado a partir de dados sobre atividades, acompanhamento de pacientes e produção científica do projeto de extensão “Assistência e apoio a família de pacientes crônicos no domicílio”. O projeto tem por finalidade apoiar e assessorar famílias de pacientes crônicos no desempenho do cuidado cotidiano a seu familiar doente após a alta hospitalar, por meio de assistência domiciliar com periodicidade semanal, quinzenal ou mensal, conforme o plano de assistência elaborado individualmente para cada família. As atividades desenvolvidas na implementação da assistência são: 1) Captação de famílias e serem integradas ao projeto, a partir de pacientes internados no Hospital universitário de Maringá (HUM); 2) Planejamento e execução das visitas. 3) Registro, discussão e avaliação da assistência. Os dados específicos dos pacientes são registrados em relatórios de visita domiciliar sendo arquivados em pastas individuais do projeto.

RESULTADOS

O projeto extensão teve início em 1996 e nestes vinte anos assistiu centenas de paciente e familiares. Durante o ano de 2016 participaram do projeto 10 alunas da graduação em enfermagem (do 1º ao 4º ano) e cinco alunos da pós-graduação em enfermagem (mestrado e doutorado). A equipe do projeto trabalha de forma matricial, ou seja, as visitas são realizadas por alunos de graduação, no mínimo em dupla e os alunos da pós-graduação, por já serem enfermeiros, são responsáveis direto pela supervisão das atividades realizadas pelos alunos da graduação, o que inclui a captação

de famílias, planejamento, implementação e avaliação da assistência prestada.

No ano de 2016 foi oferecido acompanhamento e assistência à saúde a 20 famílias com pessoas em condição crônica no município de Maringá-PR. As visitas domiciliares são realizadas mediante ao plano de assistência proposto para casa família, ocorrendo entre cinco a 20 visitas/ano.

O projeto também exerce papel importante no estímulo à produção científica de seus participantes. No ano de 2016 foram apresentados 14 trabalhos em três diferentes eventos científicos com dados oriundos das atividades realizadas junto às famílias acompanhadas.

A partir das visitas domiciliares, é possível uma aproximação ao indivíduo e sua família, bem como a criação do vínculo, ferramenta essencial para uma assistência de enfermagem eficaz, tornando-os sujeitos ativos e autônomos no processo saúde-doença. A Extensão Universitária é entendida como o espaço que deve ser compreendido na relação Ensino e Pesquisa. Isto porque cabe a Extensão o papel de ocupar-se com o espaço do cidadão que não está direta ou indiretamente vinculado com o Ensino e a Pesquisa, ou seja, o papel da Universidade é aproximar-se da comunidade (SANTIN, 1998).

Mas, para que isso ocorra de fato, a extensão também deve ser como instituição modificadora para a sociedade e por consequência capaz de transformar o cenário popular. Os discentes são capazes de articular a Extensão Universitária com o Ensino e a Pesquisa, a fim de promover benefícios para as famílias envolvidas no projeto, contribuindo para uma maior efetividade no atendimento à família compreendida enquanto sistema de cuidados para seus membros (SILVA, 2010).

Quando a extensão universitária acontece de maneira efetiva, os acadêmicos saem da rotina da sala de aula e passam a praticar o que foi proposto pelos modelos teóricos, se aproximam das pessoas e da comunidade, com o objetivo de vivenciar novas experiências. A mudança social é um dos principais objetivos da extensão universitária, pois resulta na promoção de melhorias na qualidade de vida das pessoas assistidas e suas famílias (RODRIGUES; PRATA; BATALHA; COSTA; NETO, 2013). Dentre os benefícios mais importantes decorrentes da participação do aluno em projetos de extensão é o amadurecimento científico facilitado, o que demonstra a importância de atividades extracurriculares na formação acadêmica. Melhorar o conhecimento científico entre os alunos de graduação, especialmente no contexto da saúde, assim como em suas atitudes científicas, implicará positivamente na prática clínica dos futuros profissionais, colaborando na formação de indivíduos mais críticos e reflexivos, que dominam tanto a escrita quanto a condução de projetos científicos (FIGUEIREDO; MOURA; TANAJURA, 2016), e também com habilidades comunicacionais, pois no projeto eles têm oportunidade de, aos poucos e sem pressão, aprenderem a dialogar com pacientes e familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da extensão universitária é bastante difundida no contexto universitário. A realização de visitas domiciliares a pessoas com doenças crônicas e suas famílias são essenciais para o controle e manutenção das morbidades, uma vez que se pode acompanhar a evolução dos pacientes e propor planos de intervenção, como orientações

de enfermagem, e planos de cuidado a curto, médio ou longo prazo. Destarte, além de proporcionarem um ambiente de apoio e segurança para as famílias, as visitas exercem influência sobre os hábitos familiares e de adesão do doente ao tratamento.

Vale ressaltar ainda a importância do projeto de extensão para o desenvolvimento profissional e científico de estudantes de enfermagem, pois proporcionam um ambiente de troca de experiência, amadurecimento da escrita científica, aplicação de conceitos e técnicas na assistência direta aos pacientes, e a ampliação do pensamento crítico-reflexivo.

REFERÊNCIAS

MOURA, L. D. F. A. D., Piauilino, R. J. B., Moura, M. S. D., Lima, C. C. B., Evangelista, L. D. M., Lima, M. D. D. M. D., & Araújo, Í. F. (2012). *Impacto de um projeto de extensão universitária na formação profissional de egressos de uma universidade pública*. Rev. odontol. UNESP vol.41 no.5. Sept./Oct. 2012

MORENO, A.C.; DEMO M.O., SCHIMITT, A.C.B.; GERMANI, A.C.C.G. *A contribuição da Extensão Universitária para o desenvolvimento de competências de cuidado em saúde de gerenciamento de problemas e de comunicação na formação de profissionais da saúde*. Caderno de Educação, Saúde e Fisioterapia. V.1, n.1 (2014).

NOGUEIRA MDP, MENDES SR, MEIRELLES FSC, SOUSA AI, CUNHA EP, GUIMARÃES MB, et al. *Avaliação da Extensão Universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; 2013.

SANTIN, S. *Universidade, comunidade e tempo livre: aspectos filosóficos e antropológicos*. In: Passos, S.C.E. Educação física e esporte na universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988.

SILVA, L.W.S.; GONÇALVES, L.H.T. & COSTA, M.A.S.M.C. *Implicações do diabetes mellitus tipo 2 na dinâmica familiar: o contexto das inter-relações com o subsistema idoso*. In: Silva, A.L. & Gonçalves, L.H.T. (2010).

FIGUEIREDO, W. P.; MOURA, N. P. R.; TANAJURA, D. M. *Ações de pesquisa e extensão e atitudes científicas de estudantes da área da saúde*. Arquivo de Ciências da Saúde.jan-mar, v. 23, n. 1, p. 47-51, 2016.

RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; COSTA, C. L. N. A.; NETO, I. F. P. *Contribuições da extensão universitária na sociedade*. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju. v. 1, n.16, p. 141-148, 2013.

Sessão 7 – Texto 125

CUIDADO DE ENFERMAGEM A FAMÍLIA: EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM VISITAS DOMICILIARES A PESSOA COM DOENÇA CRÔNICA E SUA FAMÍLIA

Área temática: saúde

**Mariana Cavalcante Ferreira¹, Aline Gabriela Bega², Gabriela Bettoni Figueiroa¹,
Leticia Rafaelle de Souza Monteiro¹, Hellen Emília Peruzzo², Pamela dos Reis³,
Erika dos Santos Ratuchnei¹, Lídia Cordeiro dos Reis¹, Sonia Silva Marcon⁴**

¹Alunas do Curso de Enfermagem – UEM, contato:

mariana.cavalcantef@live.com; bybettoni@hotmail.com; lerafaelle.12@gmail.com;
erikaratuchnei@gmail.com; lidiacordreis@gmail.com

²Enfermeiras, Doutorandas em Enfermagem, UEM, contato:

aline.bega@hotmail.com; hellen_peruzzo@hotmail.com

³Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, UEM, contato:

pamdosreis@gmail.com

⁴Enfermeira, Dra. Em Filosofia da Enfermagem. Prof^a da Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da UEM. Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas, Assistência e Apoio a Família (NEPAAF), contato:

soniasilva.marcon@gmail.com

Resumo: *O objetivo do estudo foi relatar a experiência de acompanhar/orientar uma pessoa com doença crônica e sua família em visitas domiciliares de um projeto de extensão. Experiência realizado em Maringá com os integrantes do projeto de extensão “Assistência e apoio a família de pacientes crônicos no domicílio”. Os dados foram obtidos com observação não participativa em nove visitas domiciliares realizadas de julho de 2016 a agosto de 2017, a qual permitiu conhecer os hábitos de saúde de uma família e realizar planejamento de enfermagem frente ao processo de lidar com doença crônica e as orientações adequadas para o paciente com hipertensão arterial sistêmica. Foi importante as visitas domiciliares para realização de orientação em saúde a paciente e sua família.*

Palavras-chave: *Doente crônico – Projeto de Extensão – Visita Domiciliar*

1. INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) tornaram-se responsáveis pelas maiores taxas de morbimortalidade no Brasil e pela maior parte dos gastos com assistência ambulatorial e hospitalar. Isso ocorreu pelo aumento da expectativa de vida das pessoas em todo o mundo e mudanças nos hábitos de vida da população (BRASIL, 2008).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), já estimava um aumento de até 22% da mortalidade por DCNT no Brasil até o ano de 2015 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011). Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (MS) afirma que no Brasil as doenças crônicas não transmissíveis correspondem a 72,4% das causas de morte (BRASIL, 2013).

Em relação aos fatores de risco para as DCNT, o tabagismo, consumo abusivo de álcool, sedentarismo, alimentação pouco saudável e obesidade estão associados a maiores chances de desenvolvimento de doenças crônicas. Em contrapartida, a adoção de hábitos saudáveis de vida atua como fator de proteção para as condições crônicas como as doenças do aparelho circulatório, doenças respiratórias, câncer, hipertensão e diabetes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

As DCNT têm significativo impacto na qualidade de vida das pessoas e suas famílias (BONETTI; SILVA; TRENTINI, 2013). O ambiente familiar é um espaço que favorece a recuperação da saúde da pessoa adoecida, pois nele geralmente estão presentes os familiares, e sabemos que os vínculos afetivos e sociais ajudam, sobremaneira, na situação de adoecimento de um integrante da família (MARCON; et al., 2014).

Compreendemos que o sofrimento causado pelo adoecimento interfere também na vida daqueles que estão diretamente envolvidos com o cuidado e são atingidos pelo sofrimento do outro. Destarte, para a implementação do cuidado domiciliar é imprescindível para o profissional de saúde reconhecer que a família é parte essencial do processo de cuidado e de recuperação do familiar adoecido e que ela é o local de apoio mútuo e tem fundamental importância àqueles familiares que se encontram nessa condição. (ALMEIDA; ARAÚJO; BELLATO, 2014).

Diante desse contexto, o estudo se justifica pela importância que a família exerce no cuidado cotidiano da pessoa com doença crônica.

2. OBJETIVO

Relatar a experiência de acompanhar/orientar uma pessoa com doença crônica e sua família em visitas domiciliares de um projeto de extensão.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma experiência realizada em Maringá, com uma família em que um de seus membros utilizava medicamentos para controle da hipertensão arterial sistêmica.

Os dados foram obtidos por meio de consulta em prontuário no qual continha registros das visitas domiciliares (VD) realizadas a uma paciente no período de Julho de 2016 a Agosto de 2017. Nesse período foram feitas nove VD, as quais permitiram conhecer o estilo de vida dessa família e seus hábitos de saúde, detectando precocemente complicações e implementando cuidados necessários para a recuperação da saúde da pessoa com doença crônica.

4. RESULTADOS

R.A.R.S, 58 anos, reside com o esposo e trabalha como cozinheira em uma lanchonete. Moradora da zona urbana de Maringá PR, foi admitida no projeto em 15 de Julho de 2016 tendo como condição crônica hipertensão arterial sistêmica, hiperlipidemia e depressão, além de sobrepeso. Faz uso contínuo de hidroclorotiazida, losartana e omeprazol intermitente, apenas quando sente dor em região epigástrica pois é pós operatório tardio de colecistectomia.

No início do acompanhamento a paciente relatou que não possuía hábitos

alimentares saudáveis devido à rotina de seu trabalho, pois segundo ela, o fato de trabalhar à noite a impedia de alimentar-se com refeições saudáveis, no jantar em virtude da falta de tempo causada pelo serviço e no almoço porque normalmente acordava tarde, substituindo assim suas refeições por alimentos considerados mais práticos como lanches, salgados e pães. Quanto às medicações de uso contínuo, a paciente relatou que não fazia uso das mesmas nos horários indicados pois como acordava tarde não tomava os remédios no período da manhã. Sendo assim, orientamos sobre a importância de seguir os horários preestabelecidos; quanto a alimentação equilibrada e hipossódica, assim como a realização de atividades físicas sendo uma delas a caminhada.

Por sua vez, durante as VD criou-se um vínculo com o esposo que também era membro do projeto e a paciente, o que favoreceu a implementação de um processo de cuidado junto a família. Além disso foi observado que o vínculo criado proporcionou à paciente mais segurança e conforto em compartilhar com as alunas sobre seus hábitos de saúde. No decorrer das VD, a paciente começou a demonstrar preocupação e medo quanto a sua relação sexual com o esposo, pois segundo ela, estava apresentando sangramento na região genital durante a relação. Orientamos a paciente a agendar uma consulta ginecológica na UBS de seu bairro, levando em consideração que a mesma fez o último exame ginecológico há 11 anos, além de constatarmos, durante a análise de seu histórico familiar, que sua mãe teve câncer de colo de útero.

Em contrapartida a paciente se mostrou muito resistente e receosa em consultar-se, pois nos retornos das visitas sempre alegava que ainda não havia realizado o agendamento da consulta com ginecologista. Desta forma, ressaltamos a importância da coleta de preventivo na UBS. Visto que, a periodicidade da realização do exame preventivo, estabelecida pelo Ministério da Saúde está de acordo com as recomendações dos principais programas internacionais de controle do câncer que traz: a faixa etária que deve-se ter como prioridade para realização do exame é entre 25 a 60 anos de idade, sendo realizado uma vez por ano e, após dois exames anuais consecutivos com resultados negativos, a cada três anos (BRASIL, 2011; BRASIL, 2013).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As VD a paciente e seu esposo foram importantes para realização de orientação de hábitos saudáveis de saúde, por meio de vínculo dos participantes do projeto de extensão com esta família.

Considera-se que o projeto de extensão está agindo de acordo com as políticas públicas de Saúde vigentes no país, realizando orientações de saúde, no intuito de prevenir agravos e promover a saúde dos pacientes integrantes e suas famílias. Favorecendo e oportunizando o aprendizado científico dos alunos integrantes.

REFERENCIAS

ALMEIDA, K. B. B.; ARAÚJO, L. F. S.; BELLATO, R. *Cuidado familiar na experiência com o adoecimento crônico de um jovem*. Revista Mineira de Enfermagem, v. 18, n. 3, p. 724-740, 2014.

BONETTI, A.; SILVA, D.G.V.; TRENTINI, M.O. *Método da pesquisa convergente assistencial em um estudo com pessoas com doença arterial coronariana*. Escola de

Enfermagem Anna Nery. v.17, n.1, p.179-83, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes e recomendações para o cuidado integral de doenças crônicas não-transmissíveis*: promoção da saúde, vigilância, prevenção e assistência, Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. *Colo do útero: detecção precoce*. Rio de Janeiro: INCA, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Secretaria de Atenção à Saúde. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama*. 2.ed. Brasília: Departamento de Atenção Básica, 2013.

MARCON, S.S., et al. *Implementação e avaliação de uma proposta de cuidado às famílias de portadores de doença crônica*. In: TRENTINI, M.; PAIM, L.; GUERREIRO, D. (Orgas.). *Condições crônicas e cuidados inovadores em saúde*. 1ª ed. São Paulo: Ateneu, 2014, p.49-64.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global status report on non- communicable diseases 2010*. Geneva, 2011.

Sessão 7 – Texto 127

EXTRAÇÃO DE ÓLEOS ESSENCIAS E SUAS APLICAÇÕES

Área Temática: Educação

Danilo Nalin¹, Jaqueline Aparecida da Silva Toloto², Simone Fiori³, Eneri Vieira de Souza Leite Mello⁴, Juliana Vanessa Colombo Martins Perles⁵.

¹Aluno do curso de Engenharia de Produção, bolsista PIBEX –UEM, contato: danilo.nalin@hotmail.com

²Aluna do curso de Engenharia de Produção, bolsista PIBIS/FA –UEM, contato: jaquelinetoloto@hotmail.com

³Prof.^a Dra. Departamento de Ciências – DCI/UEM, contato:sfiori@uem.br

⁴Prof.^a Dra. Departamento de Ciências Morfofisiológicas, DCM/UEM, contato:enerileite@gmail.com

⁵Prof.^a Dra. Departamento de Ciências Morfofisiológicas, DCM/UEM, contato: jjvcem77@gmail.com

Resumo. Desde a antiguidade o homem já isolava alguns compostos orgânicos obtendo amostras com odores característicos, mais tarde denominados óleos essenciais, sendo comumente utilizados nas indústrias de cosméticos e na área alimentícia, devido aos seus diversos benefícios medicinais. Os óleos essenciais podem ser extraídos por diversos sistemas, porém o método mais utilizado em pequena escala é o aparelho de Clevenger, devido sua economia e por proporcionar alta qualidade de extração. O trabalho em questão demonstra parte das atividades e resultados referentes a projetos desenvolvidos no ambiente da química e biologia do MUDI, buscando disseminar os conhecimentos químicos e biológicos com alunos, professores e a comunidade em geral.

Palavras-chave: óleos essenciais – extração – sabonete.

1. INTRODUÇÃO

Nas universidades os museus assumem um papel de difusor de conhecimento para a população em geral, vinculando as atividades relacionadas ao ensino, cultura, pesquisa e extensão, interligando as mesmas com as demandas da sociedade. Diversos autores apontam os museus de divulgação científica como locais de grande contribuição de conhecimento científico e cultural. Na Universidade Estadual de Maringá (UEM), o Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI), é responsável pelo desenvolvimento de diversos projetos e a interdisciplinaridade, voltados a professores e alunos do Ensino Básico, Técnico, Superior e comunidade em geral disseminando o conhecimento científico a sociedade. Entre as atividades e projetos desenvolvidos no MUDI, temos o projeto relacionado a extração de óleos essenciais, onde são feitas diversas extrações de óleos utilizando-se plantas medicinais como o alecrim, capim limão, cravo e citronela. Os óleos essenciais são compostos aromáticos (que tem aroma e odor característico), voláteis produzidos pelas plantas para sua sobrevivência. São compostos provenientes do metabolismo secundário das plantas, sendo chamados assim metabólicos secundários, esses compostos apresentam como principais funções autodefesa e polinização (KEITA et al., 2000; WOLFFENBUTTEL, 2007).

Segundo a *International Standard Organization* (ISO), os óleos essenciais

podem ser definidos como produtos obtidos de partes das plantas, através da destilação por arraste a vapor d'água, hidrodestilação entre outros tipos de destilação. Os métodos mais conhecidos para extração são: enfloração, hidrodestilação, prensagem a frio, extração por fluido supercrítico e extração com solventes (OLIVEIRA, 2007).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades desenvolvidas foram a extração de óleo essencial de alecrim; do capim limão e cravo-da-índia; além de testes para produção de sabonetes artesanais em barra e líquido, e água de ambiente utilizando o óleo essencial do alecrim.

Extração de óleo essencial de Alecrim e Capim limão.

Para a extração do óleo essencial de alecrim e capim limão, utilizou-se o sistema Clevenger acoplado a um balão de destilação (Figura 1). Inicialmente as amostras previamente secas são pesadas e trituradas em um liquidificador; a seguir são transferidas para o balão de destilação com água destilada suficiente para cobrir a amostra. Para evitar que o calor se dissipe para o ambiente, o balão de destilação é recoberto com papel alumínio e aquecido com uma chapa de aquecimento.



Figura 1. Sistema Clevenger utilizado para a extração do óleo essencial.

Teste para extração de óleo essencial de cravo-da-índia

Para os testes de extração do óleo essencial de cravo-da-índia, utilizou-se o sistema de hidrodestilação de Clevenger e o sistema por arraste a vapor (figura 2).

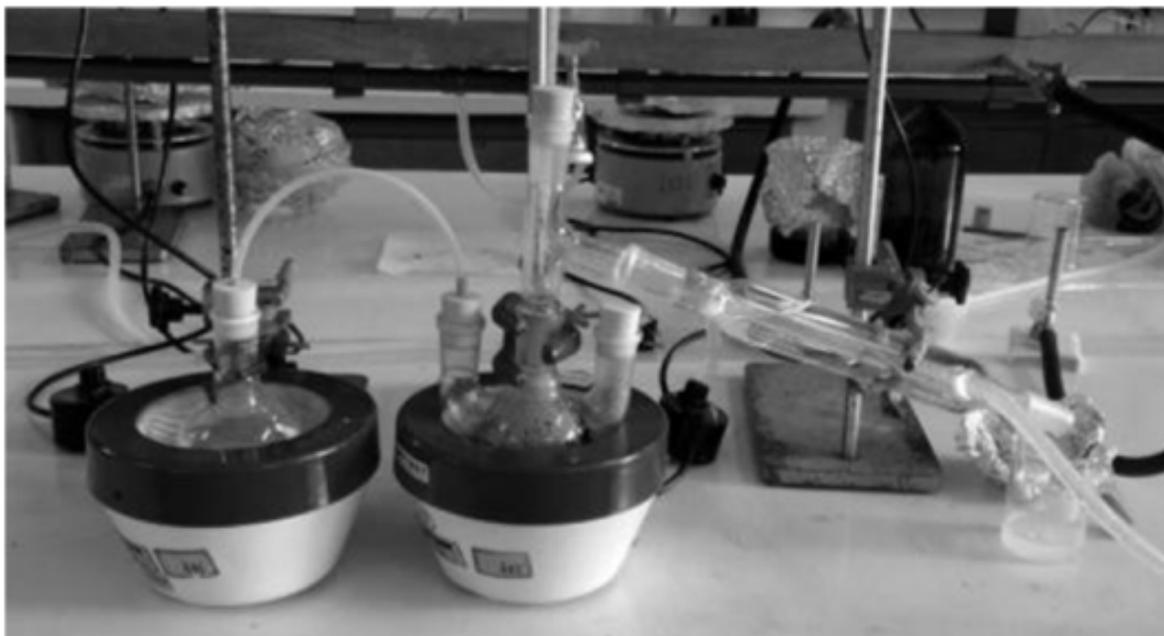


Figura 2. Sistema de extração por arraste a vapor.

Testes para produção de sabonete artesanal em barra e líquido, e água de ambiente.

Teste para Produção de Sabonete Artesanal em Barra.

Para os sabonetes em barra, pesou-se 50 g de glicerina em barra, derreteu-se a glicerina em banho Maria. Na sequência, adicionou-se o corante até a cor desejada e homogeneizou-se com um bastão de vidro, e fez-se a adição de 0,5 mL de óleo essencial de alecrim e homogeneizou-se novamente. Transferiu-se a mistura para as formas e borrifou-se álcool de cereais para evitar a formação de bolhas. Deixou-se em repouso até solidificar totalmente, depois foram desformados e embalados. O processo foi repetido com outras quantidades de glicerina e formatos diversificados (figura 3).

Testes para produção de água de ambiente.

Para a obtenção da água de ambiente foi utilizada a água coletada durante o processo de extração de óleo essencial. Essa água é formada durante a destilação dos óleos essenciais, chamada de hidrolato, contém uma pequena quantidade de óleo essencial, o que lhe confere aroma suave. Mediu-se 100 mL de água de alecrim, 200 mL de álcool de cereais, corante da cor desejada e 3 mL de óleo essencial de alecrim. A mistura foi homogeneizada e transferida para frasco de plástico com três varetas, para o aroma se difundir para o ambiente (figura 3).

Teste para produção de sabonete líquido artesanal.

Para a obtenção do sabonete líquido, utilizou-se 300 mL de glicerina líquida, 30 mL de lauril, 60 mL de água de alecrim, 2 mL de óleo essencial de alecrim e corante da cor desejada. A mistura foi transferida para um frasco plástico com tampa tipo pump.

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a extração dos óleos essenciais, obtiveram-se os resultados indicados na Tabela 1.

Tabela 1. Resultados obtidos durante as extrações.

Amostra	Método	Quantidade de amostra (g)	Água (mL)	Tempo de extração (min)	Óleo essencial (mL)
Alecrim	TÍdroadestilação	350	3500	225	5,4
Capim-limão	Hídroadestilação	180	2500	195	1,2
Crave	Arraste a vapor	25	1000	180	0,1
Cravo	TÍdroadestilação	30	500	120	0,7

Com relação às aplicações usando o óleo essencial de alecrim, foram confeccionados os sabonetes artesanais em barra e água de ambiente (figura 3).



Figura 3. Teste de produção de sabonete em barra e água de ambiente.

Paralelamente, ocorreu o atendimento aos visitantes no laboratório de química, sendo que no mês de setembro foram atendidos cerca de 870 alunos das escolas de Goioerê e região, durante a mostra de profissões da UEM/2017, no Campus Regional de Goioerê. Durante as visitas são demonstrados diversos experimentos de química, os sistemas de extração e os trabalhos realizados por este projeto de extensão (Figura 4).



Figura 4. Atendimento aos alunos na mostra de profissões UEM/2017 em Goioerê.

4. CONCLUSÃO

Verificou-se que a hidrodestilação, foi o método mais eficiente para extração do óleo essencial do alecrim, capim limão e cravo-da-índia. Para a produção dos sabonetes em barra e água de ambiente foram obtidos excelentes resultados enquanto que se observou a necessidade de melhoras em relação a produção de sabonete líquido. Observa-se, que os atendimentos aos alunos e comunidade em geral são grandes agregadores de conhecimento, pois contribuem com o processo de ensino e aprendizagem aliando conceitos teóricos com atividades práticas, como também, relacionando os conceitos da química com o cotidiano, além de despertar o interesse dos mesmos pela ciência e suas aplicações.

REFERÊNCIAS

KEITA, S.M.; VINCENT, C.; SCHMIT, J-P.;RAMASWAMI, S.; BÉLANGER, A. 200. *Effect of various essential oils on Callosobruchus maculatus* (F.) (Coleoptera:Bruchidae). Journal of Stored Products Research, v. 36, p.355-364.

OLIVEIRA , Sonia Maria M. de ; JOSE, Vera Lucia A. Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas. *Processos de extração de óleos essenciais*. Set. 2007. Disponível em : < <http://sbrt.ibict.br/acessoDT/182>>. Acesso em : 25 agosto 2017

SOUZA JÚNIOR, I.T.; SALES, N.L.P.; MARTINS, E.R. *Efeito fungitóxico de óleos essenciais sobre Colletotrichum gloeosporioides, isolado do maracujazeiro amarelo*. Revista Biotemas. 2009, vol. 22, n.3, p. 77-83.

WOLFFENBUTTEL, Adriana N. *Mas afinal, o que são óleos essenciais?*. Informativo CRQ-V, n. 105, nov.2007. Disponível em < http://www.oleoessencial.com.br/artigo_Adriana.pdf >.Acesso em: 01 setembro 2017.

Sabonete artesanal receita básica. Disponível em: <<https://www.sonholilas.com.br/sabonete-artesanal-receita-basica/>>.Acesso em 23 agosto 2017.

Sessão 7 – Texto 056

A influência do consumo na produção de alimentos livre de agrotóxicos

Área Temática: Meio Ambiente

Victor C. César¹; Ednaldo Michellon²; Janaina M. Simon³; Jaqueline S. Rosa⁴; Wellington F. Pereira⁵, André C. Braga⁶

¹Bolsista no Programa Paranaense de Certificação de Produtos Orgânicos – PPCPO/UEM contato: victordecanini@hotmail.com

²Prof. Depto de Agronomia – DAG/UEM contato: emichellon@uem.br

³Bolsista PPCPO/UEM contato: janainasimon@hotmail.com

⁴Bolsista PPCPO/UEM contato: jackylp_tdl@hotmail.com

⁵Bolsista PPCPO/UEM contato: agrofernandesengenharia@gmail.com

⁶Bolsista PPCPO/UEM contato:andrecoelhobraga@hotmail.com

Resumo. *A busca por uma alimentação mais saudável cresce juntamente com as tecnologias e a facilidade ao acesso às informações. Atualmente o Brasil é o país com o maior consumo mundial de agrotóxicos, fazendo com que a população se preocupe ainda mais com sua alimentação e, principalmente, com a forma de produção de seu alimento. O consumidor oferece grande influência sobre a capacidade de produção de certa região, pois é o responsável pela demanda desta. Assim, este trabalho tem o objetivo de avaliar como o consumidor pode influenciar na disponibilidade de produtos orgânicos e nas famílias que os produzem. A pesquisa é baseada em relatos dos profissionais e estudantes do Programa Paranaense de Certificação de Produtos Orgânicos – PPCPO.*

Palavras-Chave: *Comercialização, orgânicos, alimentação.*

INTRODUÇÃO

Atualmente, tem-se falado muito em sustentabilidade e no consumo de produtos livre de agrotóxicos, o que se faz muito importante para os produtores no entorno agroecológico. O mercado de orgânicos vem crescendo, porém, ainda, está longe de atingir a todos, e sente muito a falta de incentivos tanto governamentais quanto da sociedade.

Com o avanço da tecnologia, meios de comunicação mais sofisticados e com o acesso a informação facilitada, questões como a procura por uma alimentação saudável, a preservação das florestas e de todo o meio ambiente, estão tendo cada vez mais visibilidade e se tornando alvo de debates e repercussões na mídia, porém os consumidores de produtos agroecológicos ainda abrange uma pequena parte da sociedade (ANDRADE et al., 2012).

A consciência ambiental é crescente em combinação com interesses em se ter um consumo de produtos que ofereçam uma alimentação mais saudável. Os perigos potenciais, como o uso dos pesticidas e dos seus resíduos no alimento e meio ambiente, são associados com os efeitos em longo prazo e desconhecidos para a saúde (MEI-FANG, 2007).

Questões relacionadas ao ambiente e o uso abusivo de agrotóxicos tem mostrado

cada vez uma maior relação com a contaminação do ar, solo, água e dos seres vivos, podendo até ser relacionado a extinção de espécies de seres vivos que acabam sofrendo as consequências do atual modelo de agricultura. Um estudo evidenciou a feminização das gônadas em sapos machos (presença de oócitos) nos Estados Unidos mostrando que estas contaminações e resultados negativos desse uso indiscriminado de agroquímicos e modificações no meio ambiente, vão muito além do que é visível, e que se estudados são encontrados inúmeros problemas relacionados à degradação de nosso meio ambiente (HAYES et al., 2002).

Considerando que o Brasil consome 84% dos agrotóxicos vendidos na América Latina, fazendo com que grande parte do lucro do agronegócio esteja na mão de empresas como Monsanto, Syngenta, Dupont, Basf e Dow, o que afeta muito questões sociais relacionadas as famílias rurais, como a falta de incentivo para estes afetando sua permanência no campo, sendo de certa forma de grande interesse financeiro para estas empresas. O consumidor tem um papel importante para favorecer os pequenos produtores, buscando estes em lugares como as feiras, e mantendo relações sociais de compra direta, com perguntas sobre os produtos, dando ideias, e incentivando sempre para que esta agricultura chamada familiar cresça mais a cada dia, para lutar contra esta dependência que é de grande interesse das multinacionais (PELAEZ, 2011).

Assim, este trabalho tem por objetivo visualizar a influência que o consumo de produtos orgânicos tem na produção e nas famílias que os produzem.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Para a realização da pesquisa foi utilizado o contato com os dos profissionais e estudantes do Programa Paranaense de Certificação de Produtos Orgânicos (PPCPO) do núcleo da Universidade Estadual de Maringá (UEM) para analisar a relação entre os consumidores e os produtores de produtos agroecológicos.

Os profissionais atuam prestando assistência técnica e extensão rural (ATER) afim de auxiliar tanto na produção quanto na parte de certificação de seus produtos, conhecendo cada propriedade com potencial de produção de orgânicos.

O foco de atendimento são agricultores familiares de baixa renda, estes profissionais trabalham tanto no escritório quanto in loco atendendo cada propriedade como apresenta a Figura 1.



Figura 2. Visita técnica a uma das propriedades atendidas pelo PPCPO/UEM em Faxinal-PR. Fonte: Arquivos do CerAUP (2017)

Os profissionais também auxiliam e participam de reuniões e projetos

relacionados à venda e acesso aos produtos orgânicos, como feiras, eventos e outros (MICHELLON et al., 2011).

Foram avaliados três municípios do Paraná, sendo estes Faxinal, Astorga e Paranacity, através de experiências dos bolsistas do programa de certificação que atuam pelo Núcleo da UEM em parceria com o CerAUP (Centro de Referência em Agricultura Urbana e Perurbana), levando em questão três perguntas:

1. Quantos produtores são atendidos na região?
2. Quantos destes produtores produzem orgânicos com certificação?
3. Onde são comercializados os produtos certificados?

Para o município de Faxinal as respostas referentes foram:

1. São atendidos nove propriedades de agricultura familiar.
2. Quatro deles já foram certificados, porém, no momento nenhum possui certificação.
3. Não conseguiram comércio diferenciado para estes produtos, por isto largaram a certificação.

Para o município Astorga as respostas foram:

1. Nove propriedades são atendidas.
2. No momento apenas uma delas segue com a certificação.
3. São todas propriedades pequenas e vendiam grande parte de seus produtos orgânicos para o programa de aquisição de alimentos (PAA). Porém o programa passou por um período que estava recolhendo apenas produtos não certificados desanimando os produtores que em sua maioria voltou com o manejo convencional.

Para o município de Paranacity as respostas foram:

1. Em Paranacity é atendido uma cooperativa composta por 25 famílias de agricultores.
2. A cooperativa é certificada de forma participativa pela rede Ecovida.
3. A produção da cooperativa é beneficiada e vendida por todo o Brasil, tendo também alguns produtos exportados, ela participa da rede de comércio da Ecovida o que facilita um pouco este comércio.

Também participam de feiras onde vendem seus produtos livres de agrotóxicos.

Assim, é fundamental buscar parcerias com as instituições de ATER, como por exemplo as ONGS, Emater, Universidades e outras, no sentido de incentivar o produtor rural a praticar a agricultura familiar de forma sustentável, como forma de incrementar a economia local apontada como grande potencial agrícola. Essa seria a forma de oferecer aos agricultores melhorias de vida no campo, à semelhança da atuação do PRÓ-AMUSEP, Programa de Desenvolvimento da Região da Associação dos Municípios do Setentrião Paranaense (MICHELLON; SERATTO; SERRATO, 2012).

CONCLUSÃO

Os municípios de Faxinal e Astorga de todas as propriedades atendidas apenas uma

continua com a certificação e, levando-se em conta as respostas da questão número três, fica claro o quanto a comercialização pode afetar na produção, sendo que para a cooperativa de agricultores no município de Paranacity, que participa de um comércio amplo e consegue dar um melhor escoamento a produção, as famílias continuam com a certificação.

Por último, sugere-se a continuidade de trabalhos de ATER nesta linha que os Núcleos do PPCPO vem desenvolvendo, para superar esses gargalos da comercialização, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.; BERTOLDI, C. Atitudes e motivações em relação ao consumo de alimentos orgânicos em Belo Horizonte – MG. *Braz. J. Food Technology*, IV SSA, p. 31-40, m 2012.

HAYES, T. et al. Herbicides: feminization of male frogs in the wild. *Nature*, 419(6.910): 895-896, 2002.

MEI-FANG, C. Consumer attitudes and purchase intentions in relation to organic foods in Taiwan: moderating effects of food-related personality traits. *FoodQualityandPreference*, v. 18, n. 7, p.1008-1021, Oct. 2007.

MICHELLON, Ednaldo.; ROSA, G. M.; ZANDONADI, K. B.; KAWAKAMI, J.; CARVALHO, T. M. M. *Certificação pública de produtos orgânicos: a experiência paranaense*. Maringá: Clichetec, 2011. p.165.

MICHELLON, Ednaldo.; SERATTO, Celso Daniel.; SERRATO, C. *Pró-Amusep: Ideias e propostas para o desenvolvimento regional*. Maringá: Amusep, 2012. p. 82.

PELAEZ, V.; et al. Monitoramento do mercado de agrotóxicos. Programa de Mestrado e Doutorado em Políticas Públicas, UFPR (2011).

Sessão 7 – Texto 131

Agricultura, trabalho e fonte renda.

Área Temática: Meio Ambiente

Alline de Lima Rodrigues¹, Max Emerson Rickli², Milton da Silva Junior³

¹Aluna do curso de Agronomia UEM, contato:allinerodrigues_10@hotmail.com

²Zootecnista, coordenador do projeto de extensão, contato: ricklimax@gmail.com ³ Aluno do curso de Engenharia de Civil, bolsista PIBIS/UEM, contato: mtjunior@live.com

Resumo. *A Incubadora De Empreendimentos Econômicos Solidários (IEES), propôs fazer uma pesquisa de extensão em agricultura familiar associado à agroecologia em hortas urbanas, com o objetivo de melhorar a qualidade alimentar, gerar renda e trabalho, além de proporcionar baixo custo para produção. No município de Umuarama-PR, iniciamos uma horta urbana e também solicitamos assessoria a outros produtores que tiveram essa iniciativa, prestando-lhes toda assistência técnica necessária, planejamento, levantamento de canteiros, análise do solo, mudas para o plantio, sistema de irrigação e mão de obra. Assim fora possível promover a agricultura familiar, recriar um espaço abandonado em meio a cidade e incentivar o contato com a natureza, proporcionando retorno financeiro e geração de trabalho.*

Palavras-chave: *Sustentabilidade 1 – horta urbana 2 – Agroecologia 3*

1. CONTEXTO

Pensando nos diversos terrenos abandonados na cidade de Umuarama PR, e no uso excessivo de agrotóxicos, promovemos um consórcio entre terrenos baldios e agroecologia, já que além de causar danos à saúde do produtor, os defensivos agrícolas causam também danos aos consumidores. Assim, incentivamos a agricultura familiar conscientizando os produtores sobre as vantagens e desvantagens do uso da agroecologia e gerando para eles uma fonte renda. Com isso a iniciativa de fazer hortas urbanas surgiu no final de 2015 com uma agricultora de hortaliças que passava necessidades. O foco principal tratou-se de achar a devida solução para as pessoas que necessitavam de trabalho e o aproveitamento de terrenos abandonados que não possuíam nenhum uso.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Com incentivo da IEES (Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários) que é vinculado a uni trabalho-UEM (Universidade Estadual de Maringá), atua por meio de projetos que têm abrangência nacional e envolvem diversas universidades e outros de abrangência local e regional, envolvendo diversas parcerias. Nos projetos participam docentes, pesquisadores, discentes de várias áreas do conhecimento, técnicos da UEM, outros profissionais e educadores sociais envolvendo a cidade de Maringá e região. A IEES tem como essência produzir e expandir conhecimento, com iniciativas locais para a geração de renda e trabalho com o objetivo de interagir a universidade e os trabalhadores para a formulação de projetos e ações que gerem melhores condições de vida, trabalho e renda.

Possibilitou-se a implantação de um espaço privado em estado de desuso, em algo educacional, oportunizando aprendizagem para instituição acadêmica e toda comunidade. O maior exemplo a ser utilizado é a horta da agricultora Matilde, assim que tivemos conhecimento de sua situação, soubemos que a mesma passava por serias necessidades, e então nos dispusemos a ajudá-la dando como alternativa a criação de uma horta urbana, já que ela e o companheiro tinham conhecimento sobre agricultura e anteriormente já produziam hortaliças. Assim, encontramos dois terrenos em situação de não utilidade, e começamos os primeiros projetos para os canteiros.

A falta de conhecimento técnico, faz com que os agricultores visem a produção e comercialização a curto prazo no lugar de boa qualidade dos produtos e saúde dos mesmos. No caso da agricultora Matilde, a IEES interveio com todo conhecimento técnico e mão de obra, mostrando-lhes vantagens e desvantagens de realizar produção por meio sustentável. O primeiro projeto iniciou-se com levantamento de canteiros, colocação de sombrites, replantação de mudas, sistemas de irrigação e assistência.

No local à uma extensiva troca de saberes, onde se coloca em prática toda base teórica da união dos cursos de Engenharia Agrônômica, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil e Engenharia de Alimentos, com a junção de técnicos e professores de todas as áreas. Esse projeto incentivou o trabalho em equipe visando o uso de novos recursos Agroecológicos, priorizando o desenvolvimento de uma agricultura ambientalmente sustentável, em função de suas características de produção diversificada.

A metodologia utilizada para assessoria fora bem diversificada, tendo que possuía quatro áreas diferentes. Com a realização de reuniões semanalmente com os bolsistas houve uma integração maior entre os cursos e um trabalho de equipe exemplar.

A transformação do local fora surpreendente, o solo obteve os cuidados necessários graças às análises, o sistema de irrigação por aspersão teve um cuidado especial por causa da pressão fornecida pelo sistema de abastecimento de água do município (SANEPAR), os tamanhos dos canteiros foram pensados de acordo com necessidade de cada cultura. Com o início dessa horta, novos produtores se interessaram pelo assunto e a agroecologia ganhou novos espaços.

Um dos maiores desafios encontradas em todas as hortas que a IEES acompanhou, fora mudar o pensamento dos agricultores sobre agrotóxicos e seus danos à saúde. O papel dos membros da Incubadora nestes casos, fora transformar, abrir novos horizontes mostrando e demonstrando que é sim possível produzir sem o uso excessivo produtos químicos. A cada passo em que as hortas foram crescendo, vinham dificuldades que foram superadas, como combate de pragas sem veneno, folhas amareladas, falta de instruções sobre compostagem, necessidade de captação de água e assuntos envolvendo a maneira correta para a comercialização dos produtos. Fora de suma importância a troca de conhecimento entre todos os membros da equipe, a união proporcionou a construção de um projeto mais sólido.

Como consequência do trabalho em equipe e do incentivo dado aos produtores rurais, a agroecologia em hortas urbanas na cidade de Umuarama- PR só vem crescendo, sendo que vários produtores com hortas urbanas receberam consultoria. Além de conseguir gerar renda e trabalho, a conscientização dos clientes é nítida, os produtos são conhecidos por serem orgânicos e de qualidade, a iniciativa é muito elogiada pois é uma ocupação no meio da cidade que poderia trazer vetores e agora tem

como substituto, produtos de qualidade mais próximo da comunidade.

3. RESULTADOS

Os resultados começaram a aparecer em curto prazo, logo os produtores começaram a vender verduras para a população direto da horta e também na feira de sábado FAÍSCA (Feira Agroecológica de Inclusão Social Cultura e Artes), projeto também desenvolvido pela IEES. O lucro gerou em torno de \$150,00 à \$400,00 por dia, ou seja, a Agroecologia mudou a forma de vida das famílias como a da Matilde, possibilitando maior conhecimento sobre o assunto, trabalho e renda com aquilo que gostam de realizar. O envolvimento dos acadêmicos fora essencial para o desenvolvimento de todo projeto, como uma via de mão dupla, também adquirimos experiências técnicas, práticas e teóricas com todo processo de pesquisa.

O projeto continua em desenvolvimento e com constantes adaptações, iniciamos uma proposta para começar um processo próprio de compostagem na propriedade e a construção de um reservatório com criação de peixes visando mais uma forma de adubação da horta. Tudo dentro das normas e com o menor custo possível, já que trabalhamos com pessoas na maioria das vezes com baixa renda. O amadurecimento da equipe fora algo nítido com todos os projetos, pois como em um dos casos da horta urbana, os produtores estavam racionando até mesmo comida, e hoje a produção dos mesmos é conhecida em toda a cidade, tanto pela qualidade quanto pela confiança. A humildade ainda é a parte mais bela da sabedoria.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, C. et al. Agroecologia, princípios e reflexões conceituais. 2. ed. Brasília, DF 2013.

Sessão 7 – Texto 024

ESCOLAS NA UEM: ELABORAÇÃO DE KITS EXPERIMENTAIS DE TERMODINÂMICA

Área Temática: Educação

Camila Muniz de Oliveira¹, Higor Valentim da Silva², José Candido de Souza
Filho³,

¹Licencianda em Física pela Universidade Estadual de Maringá

²Licenciando em Física pela Universidade Estadual de Maringá

³Docente do Departamento de Ciências da Universidade Estadual de Maringá

Resumo. *O uso de experimentos didáticos como prática educacional em sala de aula ou laboratório é uma importante ferramenta no ensino de ciências, em particular o Ensino de física. O presente artigo tem como objetivo fazer kits de experimentos que abordam conceitos físicos especificamente de termodinâmica, como correntes de convecção, densidade dos gases e conversão de energia térmica em energia elétrica, para ensino médio de duas escolas da cidade de Goioerê, que responderam um questionário, com o intuito de levantar a importância dessas demonstrações no ensino de física.*

Palavras-chave: *Ensino de Física, Experimentação, Kits de termodinâmica.*

Introdução

Um dos grandes entraves para o ensino de Física atual é a falta de interesse ou as dificuldades no uso de estratégias de raciocínio dos estudantes na aprendizagem de conceitos científicos. Pozo (1997) defende que existe um desajuste entre aquilo que é ensinado na escola e as expectativas dos alunos, e uma possibilidade para tentarmos superar este obstáculo é o desenvolvimento, por parte dos professores e dos estudantes, de uma nova visão sobre o papel da Física na escola e oportunizar condições para que os estudantes sejam cognitivamente ativos durante seu processo de aprendizagem.

A aprendizagem ativa é uma tendência que, nos últimos anos, vem ganhando força em diversas instituições de ensino brasileiras (MORIN, 2007). Um dos caminhos para que os estudantes queiram aprender de forma ativa é oportunizar a eles situações de ensino que lhes permitam investigar algo de seu interesse, que os aproxime da realidade vivenciada no cotidiano com aquilo que é aprendido na escola (BERSIN, 2004). Nesse sentido, as experimentações se apresentam como uma mola-mestra no ensino de conceitos físicos e ciências em geral, se apresentando como um recurso capaz de despertar a curiosidade e incentivar novas descobertas (RODRIGUES, 2009).

Metodologia

Na Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Goioerê, vem sendo desenvolvido o projeto de extensão denominado “Escolas na UEM”. Neste projeto, os alunos e professores de colégios públicos e privados de Goioerê e região são convidados a participarem de uma amostra de experimentos de diversos ramos da física. Cada encontro atende em média 60 estudantes, sendo que os mesmos são divididos em grupos

de 20 pessoas com o intuito de facilitar a comunicação e discussão acerca dos experimentos abordados.

Para fins deste relato, nos atentaremos aos resultados analisados por meio dos kits de termodinâmica. Os experimentos constituintes no kit de termodinâmica foram desenvolvidos pelos bolsistas participantes desse projeto. Os experimentos contemplavam os conceitos de correntes de convecção (cachoeira de fumaça), densidade dos gases (peso do ar) e conversão de energia térmica em energia elétrica (motor termoelétrico).

Os experimentos confeccionados chamaram bastante atenção dos estudantes e proporcionam um momento de interação e reflexão acerca dos fenômenos físicos abordados. A seguir apresentaremos o relato registrado em nosso diário de campo e também os dados coletados por meio de um questionário – (não foi registrado nome de aluno ou de escola, e o preenchimento foi facultativo), que aplicamos com o intuito de conhecer um pouco acerca da percepção dos estudantes ao interagirem com atividades experimentais e também as possíveis mudanças de postura dos estudantes ao estudarem conceitos relacionados à termodinâmica.

Resultados e discussões

Do questionário aplicado, foram selecionadas duas perguntas:

1- Em relação à abordagem dos conceitos envolvidos nos experimentos: (a) Foi diferente da habitual, com mais perguntas e comentários; (b) Foi diferente da habitual, entretanto a mudança não incentivou a participação positiva dos alunos por meio de perguntas e comentários; (c) Não apresentou mudança.

Essa questão foi respondida por 23 alunos de ensino médio de uma Escola Estadual do Município de Goioerê – PR. O diagrama da figura 01 mostra o percentual de cada item.

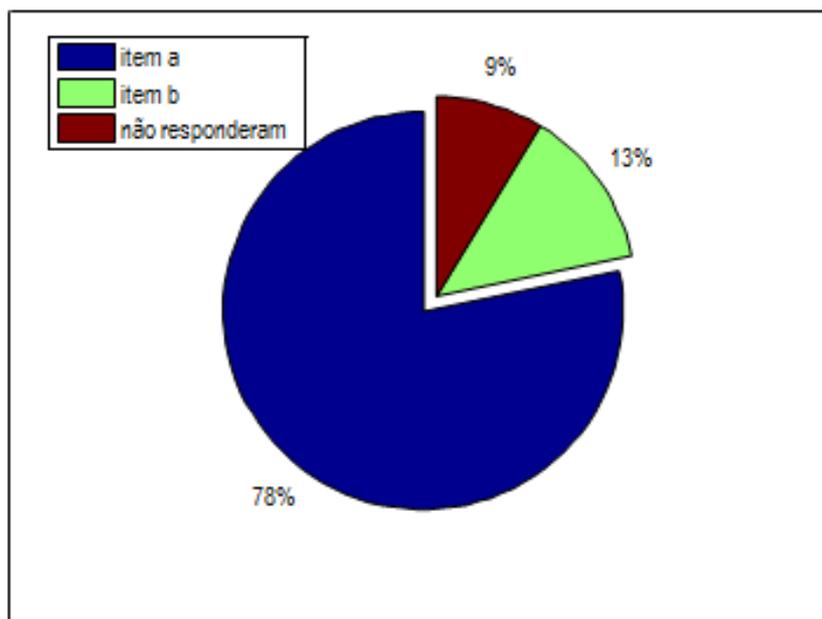


Figura 01: Percentuais de estudantes que escolheram os itens oferecidos na questão. Fonte: Autores

Da figura 01 extrai-se que a aula com demonstração favorece as discussões, perguntas e comentários em relação aos temas abordados.

2- *Descreva o que você consegue relacionar da física com o funcionamento de um automóvel? (a) Macaco hidráulico; (b) Velocidade; (c) Imagens; (d) Força de atrito;*

(e) Força centrípeta; (f) Potência; (g) Aceleração; (h) Energia e conversão de energia;

(i) Convecção de gases; (j) Torque; (k) Oscilação amortecida.

Essa pergunta foi aplicada para duas turmas: A turma 01, que ainda não tinha participado da aula com demonstrações, e a turma 02, que já tinha participado.

Os gráficos da figura 02 “a” e “b” mostram os resultados para essas duas turmas.

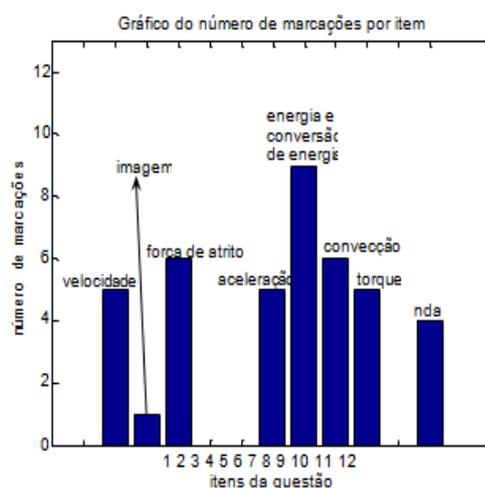
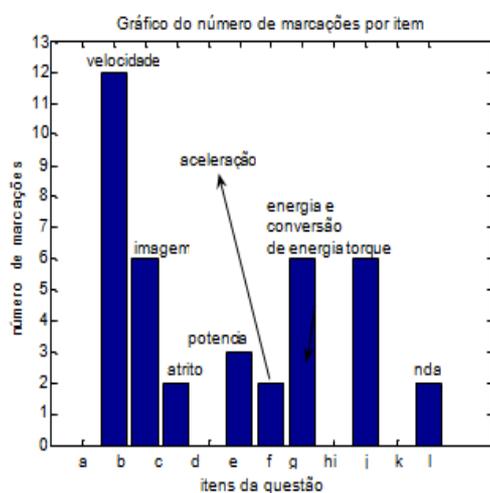


Figura 02a: Número de marcações por item – turma 01

Figura 02b: Número de marcações por item – turma 02

Comparando-se os itens marcados pela turma 02b com as marcações feitas pela turma 02a, verifica-se um aumento significativo dos itens relacionados com energia e conversão de energia, e convecção, temas que cujos princípios foram demonstrados com os kits montados neste trabalho.

Conclusão

Conclui-se neste trabalho que as demonstrações de física em sala de aula ou em espaço não formal têm papel fundamental na construção do conhecimento de temas de física, em particular verificamos isso no caso de temas relacionados com termodinâmica. Observa-se, comparando as figuras 02a e 02b, que há uma diminuição na marcação do item “velocidade” da turma 01 para a turma 02, enquanto que há um aumento nas marcações do item “aceleração”. Uma inferência que se pode fazer sobre isso é que para muitos estudantes do ensino médio ainda há uma equivalência entre essas duas grandezas físicas, mas serão precisas novas investigações sobre isso.

Da figura 01 conclui-se que há grande aceitação das aulas com demonstrações, tornando a atividade mais rica em discussões e questionamentos sobre os temas.

Referências

BERSIN, J.. The blended learning book: best practices, proven methodologies and lessons learned. San Francisco: Pfeiffer, 2004.

GARCÍA-JIMÉNEZ, E. La evaluación del aprendizaje: de la retroalimentación a la autorregulación. El papel de las tecnologías. RELIEVE, v. 21, n.2, 2015.

LUIS ,. Manual do Mundo, 2008. Disponível em: <<https://www.manualdomundo.com.br/2016/01/agua-que-se-multiplica/>>. Acesso em: 20 Outubro 2016

MORAN, J. M.. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

POZO, J. I. La crisis de la educación científica ¿volver a lo básico o volver al Constructivismo?. Alambique Didáctica de las Ciencias Experimentales, n. 14, p. 91-104, 1997.

Sessão 7 – Texto 034

A socialização do conhecimento científico por meio do rádio

Área Temática: Comunicação

Jaqueline Moreira¹, Marcílio Hubner de Miranda Neto², Marcelo Henrique Galdioli³, Eduardo Sabatine Lopes⁴

¹Aluna do curso de Educação Física, bolsista DEX/UEM, contato: ra99646@uem.br

²Prof.º Dr. Departamento de Ciências Morfológicas e membro do Museu Dinâmico Interdisciplinar – MUDI/UEM, hubnermar@gmail.com

³Radialista da Rádio Universitária FM - Universidade Estadual de Maringá

⁴Aluno do curso de Ciências Biológicas, bolsista DEX/UEM, ra100805@uem.br

Resumo. Pesquisa realizada no ano de 2015 revelou que o rádio é o segundo meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros, perdendo apenas para a televisão e que a maioria dos ouvintes utiliza o rádio para informar-se. Nesta perspectiva entendemos que o projeto “Socializando o Conhecimento Científico por meio do Rádio” que teve início em março de 2007 por meio de uma parceria entre o MUDI e a Rádio Universitária UEM FM deve ter continuidade e manter seu objetivo de divulgar e popularizar conhecimentos científicos oriundos dos trabalhos de pesquisa e extensão desenvolvidos na UEM. Neste ano à partir de levantamento realizado optamos por manter programas de diferentes áreas, mas daremos um enfoque maior aos projetos da área de Educação Física e de Cidadania Fiscal.

Palavras-chave: Rádio – Popularização de Conhecimentos – Educação Científica

1. Introdução

Pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, sobre os hábitos de consumo de mídia da população Brasileira, revelou que o Rádio continua sendo o segundo meio de comunicação mais utilizado pelos Brasileiros (55%) e que se por um lado caiu o número de usuários, por outro é animador o fato que 63% dos ouvintes buscam informar-se através do rádio, bem como, 62% o utilizam para entretenimento (Brasil, 2015).

As rádios universitárias podem constituir-se em um importante meio de divulgar e popularizar os conhecimentos científicos, produzidos pelas universidades colaborando desta maneira para que a cultura científica possa cada vez mais ser incorporada pela população. Contribuem também para que a comunidade possa compreender que no âmbito das universidades não ocorre apenas o Ensino de Graduação e Pós Graduação e sim que no espaço acadêmico há o desenvolvimento de pesquisas e de ações extensionistas (Galdioli, Miranda Neto e Mello).

Socializando o Conhecimento é um programa desenvolvido pelo Museu Dinâmico Interdisciplinar/MUDI, em parceria com a Rádio Universitária UEM FM desde 2007, com a finalidade de difundir o conhecimento científico e as novas tecnologias, bem como de levar informações para a comunidade sobre atividades científicas e de cultura geral que são desenvolvidas pela universidade com as quais a comunidade pode colaborar, participar ou beneficiar-se direta ou indiretamente.

2. Metodologia/estratégia de ação

Para o desenvolvimento do projeto e gravação de cada programa a equipe do projeto segue um conjunto de procedimentos que visa a eficácia do trabalho conforme abaixo discriminado:

2.1 – Definição dos temas

Normalmente os temas são definidos de três maneiras distintas: pela equipe, à partir de levantamentos junto à comunidade universitária dos projetos de pesquisa ou de extensão, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Maringá ou em outras instituições parceiras; por iniciativa do pesquisador ou do extensionista que faz contato com a equipe disponibilizando-se para gravação de um programa; por indicação de profissionais que consideram que o trabalho de algum pesquisador ou extensionista poderia resultar em um programa de interesse para a comunidade de ouvintes da rádio. No presente adotamos um critério a mais, que foi realizar um estudo sobre todos os programas já gravados e procurar verificar quais áreas ainda foram pouco contempladas, para isto realizamos levantamento no SITE do MUDI onde cada programa já gravado está listado.

2.2 – Estudos prévios

Os membros da equipe buscam informações na internet e também fazem contato com as pessoas, a serem entrevistadas e solicitam referências bibliográficas para leitura e interação do tema central da entrevista.

2.3 – Agendamento

Na terceira etapa os acadêmicos bolsistas do projeto realizam o agendamento em horário que seja compatível para utilização do estúdio e atuação dos técnicos, do entrevistado, dos entrevistadores e do próprio acadêmico que também participa da gravação do programa.

2.4-Gravação do Programa

Antecedendo a gravação do programa há uma discussão preparatória entre o entrevistado e os entrevistadores, na qual se busca traçar as linhas gerais da entrevista e na medida do possível já se pensar uma linguagem que seja acessível ao público leigo. Na sequência são gravados programas com duração de 30 minutos. Quando necessário oradialista atua como entrevistador e um professor vinculado ao projeto atua como mediador da linguagem, visando ampliar a compreensão do público leigo. O aluno participa elaborando questões e buscando esclarecimentos durante a entrevista.

3. Resultados e Discussões

Ao analisar-se os temas dos programas gravados entre 2007 e 2016, verificamos que houveram programas com temáticas isoladas, onde as informações eram levadas ao público em um único programa, bem como gravações de séries de programas, como é o caso da temática das plantas medicinais que foram gravados 5 programas envolvendo pesquisadores e ou extensionistas dos departamentos de Agronomia, Farmacologia e Biologia, com uma sequência que permitia ao ouvinte compreender o plantio, o cultivo, a coleta, os princípios ativos e a existência de efeitos desejáveis e colaterais das plantas medicinais. A equipe do programa usou como principal referência o livro Noções Sobre

o Organismo Humano e a Utilização de Plantas Medicinais, escrito por pesquisadores e extensionistas da UEM, com foco nas plantas medicinais mais utilizadas no Paraná e que buscava romper com uma série de mitos e desconhecimentos sobre as plantas medicinais (Silva Et. al, 1995).

A Toxoplasmose também foi motivadora de uma série, dando a sua importância para a saúde pública e pelo fato de a busca da compreensão dos mecanismos utilizados por este parasita para infestar diferentes animais, constituir-se em linha de pesquisa nas áreas de biologia e saúde da UEM, além de ser motivadora de diversas ações extensionistas. A base para os programas foram os trabalhos do grupo de pesquisa e a tese desenvolvida por Góis (2015) e o trabalho de Camargo (2016).

Outra série de destaque foi a que enfocou a Educação Fiscal e o controle social dos gastos públicos. Temas de alta relevância para o Brasil, uma vez que ainda somos um país onde poucas pessoas são capazes de compreender a importância social e econômica dos tributos e, menos ainda a composição e a aplicação dos recursos públicos. Esta somatória resulta no que pode ser chamado de falta de cultura tributária, o que abre as portas para a corrupção. A Base para a realização dos programas, foi o trabalho desenvolvido em cursos e eventos de extensão voltados à cidadania fiscal e os cadernos de educação fiscal brasileiros (Brasil, 2009).

Muitas foram as áreas contempladas, contudo percebemos que apenas três programas da área de Educação Física foram gravados, por isto na sequência procuraremos priorizar esta área com destaque para diferentes projetos de pesquisa e extensão, dentre eles o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Multiprofissional da Obesidade, para tal tomaremos como base os trabalhos do grupo os quais pode ser consultados no site www.nemo.com.br, artigos e livros de outros autores.

Temos também entre nossos objetivos, difundir os resultados do projeto de extensão “Ginástica para a terceira idade”, além de outros importantes projetos do departamento de Educação Física.

Pretendemos também gravar uma série, sobre o uso do teatro na formação para a cidadania fiscal.

Em síntese daremos continuidade ao programa, procurando levar ao ar temas definidos pela sua importância social e pelo fato de gerarem algum tipo de impacto à comunidade. Procuraremos reforçar a popularização da ciência. Popularizar a ciência nada mais é do que fazer com que o conhecimento a respeito do desenvolvimento científico alcance, de forma descomplicada, toda a sociedade (Marques apud Crestana, 1998).

4. Referências

BRASIL, Presidência da República. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014.

BRASIL. Ministério da Fazenda. *Educação Fiscal no Contexto Social*. Brasília: ESAF, 2009.

CAMARGO, M.E. Toxoplasmose. In: Ferreira, A.W & Ávila S.L.M. *Diagnóstico laboratorial das principais doenças infecciosas e autoimunes*, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, p. 165-74, 1996.

CRESTANA S.; GOLDMAN C.M.; PEREIRA, G.R.M. *Centros e museus de ciência: visões e experiências*. São Paulo: Saraiva p.63-70, 1998.

GALDIOLI, M. H., MIRANDA NETO M.H., MELLO S.T. Popularização do conhecimento por meio do rádio. *ArqMudi*. 2008;12(1):23-30.

GÓIS, M. B. *Toxoplasma gondii* causa alterações na túnica mucosa e no plexo submucoso do jejuno e do cólon proximal de ratos. 117 f. Tese (Doutorado em Biologia Comparada) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2015.

SILVA, Irenice et al. *Noções sobre o organismo humano e utilização de plantas medicinais*. Cascavel: Assoeste, 1995.

Sessão 7 – Texto 036

Avaliação da importância do aconselhamento dietético para obtenção do *stone clinic effect* em portadores de litíase urinária recorrente Área Temática: Saúde

Luciene A. Günther¹, Gisele Takahachi², Heloísa N. K. dos Anjos³, Mariana Evely Zambon Abrantes⁴, Liara I. L. Romera⁵, Márcia R. Oliveira⁶, Patrícia de S Bonfim de Mendonça⁷

¹Profª Bioquímica Clínica – DAB/UEM, contato: luciene.akimoto@gmail.com

²Farmacêutica Bioquímica- Bioquímica Clínica- DAB/UEM

³Farmacêutica Bioquímica- Bioquímica Clínica-DAB/UEM

⁴Aluna do curso de Farmácia – DAB/UEM, contato: marianaevelly@gmail.com ⁵Aluna do curso de Farmácia – DAB/UEM, contato: liara_romera@hotmail.com ⁶Profª Bioquímica Clínica -DAB/UEM, contato: mroneves@hotmail.com

⁷Profª Bioquímica Clínica -DAB/UEM, contato: patbonfim.09@gmail.com

Resumo: *A calculose renal é uma afecção comum na atenção primária, apresentando uma prevalência em torno de 5 a 15% da população. O desenvolvimento de cálculos urinários é decorrente da associação de fatores, como: alterações físico-químicas, celulares e moleculares, anatômicas, funcionais, genética e meio ambiente, ou disfunções metabólicas. Estudos indicam a ingestão hídrica reduzida, aumento de proteínas e sal e a diminuição dietética de cálcio são fatores de risco para formação de cálculos urinários. O objetivo deste trabalho foi avaliar a importância do aconselhamento dietético para a obtenção de maior eficiência do tratamento médico, com redução de recidivas da doença. Nossos dados demonstraram que grande número de pacientes apresentou alterações metabólicas que poderiam ser corrigidos através de alterações de hábitos alimentares e aumento da ingestão de líquidos. Dessa forma, concluímos que o aconselhamento dietário seria uma importante ferramenta para prevenção de formação de novos cálculos.*

Palavras-chave: *Calculose Renal – Nefrolitíase – hábitos alimentares*

1. Introdução

A calculose renal é uma afecção comum na atenção primária, apresentando uma prevalência geral em torno de 5 a 15% da população¹. Embora o conhecimento sobre a fisiopatologia até as mais avançadas formas de tratamento dessa patologia tenha se ampliado bastante, sua frequência ainda é alta e está em ascensão.

Devido à sua alta taxa de recorrência (10% no primeiro ano, 35% nos próximos 5 anos, e 50-60% em 10 anos), a nefrolitíase é considerada uma doença crônica, devendo ser devidamente controlada e tratada².

Existem muitas teorias que procuram explicar a formação do cálculo urinário, mas basicamente, a formação de cristais urinários envolve o fenômeno da

supersaturação. Esta supersaturação urinária deve-se à associação de diversos fatores, tais como: alterações físico-químicas, alterações celulares e moleculares, genética e meio ambiente, alterações anatômicas e funcionais ou disfunções metabólicas.

Estudos observacionais e controlados verificaram que a ingestão hídrica reduzida, aumento de proteínas e sal e a diminuição dietética de cálcio são fatores de risco para formação de cálculos urinários^{3,4}.

Se a patogênese da calculose envolve a composição urinária, a qual é determinada pelos hábitos alimentares e comorbidades do paciente apresenta, um acompanhamento pela equipe do ambulatório de nefrolitíase com realização de exames diagnósticos, deve incluir também um aconselhamento dietético com aumento da ingestão hídrica para a obtenção do chamado efeito do ambulatório especializado em nefrolitíase (stone clinic effect).

O termo stone clinic effect, refere-se ao efeito do aumento da ingestão hídrica e aconselhamento dietético na evolução clínica da doença calculosa renal.

2. Objetivo

Avaliar a importância do aconselhamento dietético para a obtenção de maior eficiência do tratamento médico da nefrolitíase (stone clinic effect), com redução de recidivas da doença.

3. Materiais e Métodos

O estudo metabólico da litíase renal foi realizado em 155 pacientes, todos portadores de nefrolitíase recorrente. Para a realização deste estudo, foram coletadas duas amostras de urina de 24 horas em dias alternados. As urinas foram coletadas sem conservantes. A avaliação laboratorial obedeceu seguinte protocolo: Urina I, urocultura

+ antibiograma (quando necessário); 2 urinas de 24 horas para avaliação do volume urinário de 24 horas e para dosagens de cálcio (Método Colorimétrico Arsenazo III – Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), fósforo (Método cinético UV - Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), ácido úrico (Método Colorimétrico Enzimático – Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co), creatinina (Método Cinético sem desproteinização, Jaffé - Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), citrato (Método Enzimático), sódio (Método da Fotometria de Chama), magnésio (Método Colorimétrico – Xylidyl- Diasys- Diagnostics Systems GmbH Co.), cistina (Método do nitroprussiato de sódio); medida do pH urinário após 12 horas de restrição hídrica (2^a urina da manhã). Sangue em jejum de 12 horas foi colhido para dosagens de cálcio, fósforo, ácido úrico, creatinina, utilizando-se as mesmas metodologias citadas anteriormente. Todas as determinações bioquímicas foram realizadas no equipamento automatizado Vitalab Selectra 2 , e as reações cinéticas foram realizadas à 37 °C. A medida do volume urinário de 24 horas foi utilizada para a avaliação da ingestão de água. Esta aferição foi realizada através da utilização de provetas e foram considerados com baixa ingestão de água, pacientes que apresentaram volume urinário de 24 horas inferior a 1000 ml. O conteúdo de sal da dieta foi avaliado pela medida de sódio na urina de 24 horas, utilizando-se como referência o valor de 220 mmol/24horas.

4. Resultados e Discussões

Dos 155 pacientes litiásicos estudados, 95 (61,29%) eram do sexo feminino e 60 (38,71%) do sexo masculino, com idade média de 38,5 anos. Alterações metabólicas foram detectados em 78,3% (121), sendo que 41,3% (64) pacientes apresentaram duas ou mais alterações metabólicas. As principais alterações metabólicas encontradas foram: Hipomagnesiúria 28,3% (44), hipocitraturia 30,4% (47), hipernatriúria 26,5%

(41), hiperuricosuria 21,7% (34). Volume urinário inferior a 1000 mL de urina de 24 horas foi detectado em 29,7% (41) pacientes. Nossos resultados demonstram que uma grande porcentagem dos pacientes portadores de litíase renal estudados apresenta baixo volume urinário e o excesso de sódio na urina, além de outras alterações metabólicas que são fatores de risco para a formação de cálculos renais. Os dados obtidos demonstram que grande parte destes pacientes pode ser tratada apenas com aconselhamento dietético. De fato, Carvalho et al.⁵ demonstraram que o tratamento dietético, baseado no aumento da ingestão hídrica, redução do consumo de sal e proteínas de origem animal reduziram eficazmente a formação de cálculos renais.

Em pacientes hipercalcêmicos, restrição moderada de proteínas diminui a excreção urinária de cálcio, provavelmente por uma redução na reabsorção óssea causada pela diminuição da carga de ácidos exógenos. Além disto, hiperuricosúria, hiperoxalúria e hipocitraturia estão freqüentemente associadas em pacientes com alta ingestão proteica⁶. Reddy e colaboradores concluíram que dietas com baixo teor de carboidratos e ricas em proteínas aumentam o risco de formação de cálculos renais, causam balanço negativo de cálcio e podem aumentar o risco de perda óssea⁷.

5. Conclusão

A litíase renal é uma doença multifatorial e pode ser definida como consequência de uma alteração das condições normais de cristalização da urina no trato urinário. Um importante número de fatores etiológicos podem ser modificados através da dieta, já que a composição urinária depende da mesma. Dessa forma, o aconselhamento dietário poderia auxiliar de forma eficaz o tratamento destes pacientes estudados, com obtenção do stone clinic effect, prevenindo recidivas da doença.

Referências

Carmen R. Amaro, José Goldberg, João L. Amaro, Carlos R. Padovani. Metabolic assessment in patients with urinary lithiasis. *International Braz J Urol* Vol. 31(1): 29-33, January - February, 2005.

Lopes, AC. *Tratado de Clínica Médica*. São Paulo: Roca, 2009

Lotan, Y. et al. Increased Water Intake as a Prevention Strategy for Recurrent Urolithiasis: Major Impact of Compliance on Cost-Effectiveness. *The Journal of Urology*, v. 189, p. 935-939, 2013.

Hess B, Mauron H, Ackermann D, Jaeger P. Effects of a 'common sense diet' on urinary composition and supersaturation in patients with idiopathic calcium urolithiasis. *Eur Urol*; 36:136-43, 1999

Carvalho, Maurício et al. Quantification of the stone clinic effect in patients with nephrolithiasis. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 50, n. 1, p. 79-82, 2004.

6. Borghi, L. et al. Dietary therapy in idiopathic nephrolithiasis. *Nutrition reviews*, v. 64.7, p. 301-312, 2006.

7- Reddy ST, Wang C-Y, Sakhae K, Brinkley L, Pak CYC. Effect of low-carbohydrate high-protein diets on acid-base balance, stone forming propensity, and calcium metabolism. *Am J Kidney Dis* 40:265-74, 2002.

Sessão 11 – Texto 126

Cultivo de plantas medicinais no estado do Paraná e o repasse das informações nos ambientes temáticos do Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM

Área Temática: Saúde

Daniel Nalin¹, Joyce Lisboa da Silva², Maria Auxiliadora Milaneze-Gutierrez³

¹Graduando do curso de Agronomia, bolsista Fundação Araucária/PIBIS-UEM, contato: danielnalin97@gmail.com

²Graduanda do curso de Tecnologia em Biotecnologia, bolsista – EXTENSÃO/UEM, contato: joycelisboa43@gmail.com

³Professora Doutora do Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Maringá, contato: milaneze@uem.com

Resumo: *Este artigo evidencia a importância do estudo e conhecimento da representatividade do estado do Paraná no setor agroindustrial de ervas medicinais, a ser compartilhado com os visitantes do Museu Dinâmico Interdisciplinar (Mudi), um museu de Ciências da UEM. Justifica-se pelo fato de, com o passar dos anos, os jovens estão cada vez mais distantes dessa cultura, embora ela estivesse muito presente na vida de seus antepassados, como alternativa para tratamentos de saúde e prevenções de doenças. Também busca incentivar pequenos agricultores a entrarem nesse ramo de produção, demonstrando o grande potencial de crescimento e sua viabilidade econômica. Dessa forma, fazendo uso de métodos de educação não formal, esse projeto tem como objetivo familiarizar os visitantes do Mudi e a comunidade em geral, com as espécies de plantas medicinais que são cultivadas em nossa região, fornecendo informações sobre suas principais características e importância agrônoma e comercial.*

Palavras-chave: *mudi – ervas medicinais – agroindústria*

Introdução

O estado do Paraná destaca-se entre os demais por possuir grande tradição no cultivo de plantas medicinais, além de ser um grande produtor de grandes culturas (soja, milho, feijão, cana-de-açúcar, trigo e laranja). As condições edafoclimáticas do estado favorecem-no quanto à diversidade de espécies a serem produzidas, tanto nativas quanto exóticas, somando-se mais de 80 espécies cultivadas. Nos últimos anos esse setor de produção agrícola vem ganhando força, devido a busca da sociedade por uma alimentação alternativa, com benefícios para a saúde e livre de agrotóxicos. Existem relatos que o tratamento com plantas medicinais é uma forma muito antiga de combater as enfermidades, sendo o conhecimento repassado de geração a geração, desde as sociedades primitivas até a sociedade contemporânea. Por isso, há relevância em repassar aos mais jovens a importância das plantas medicinais que, possivelmente, seus avós e bisavós utilizavam para o tratamento e prevenção de doenças, além da representatividade do estado do Paraná nessa cadeia agroindustrial. De acordo com Dias (2001) nos primórdios da humanidade, os homens por puro instinto de sobrevivência, ao se alimentarem de algumas plantas, descobriram seus fantásticos efeitos de reduzir ou

minimizar as enfermidades, e com o aumento e expansão desse conhecimento deu-se início da fitoterapia.

Neste contexto, o presente estudo tem por objetivo repassar conhecimento das principais plantas medicinais cultivadas no Paraná para a comunidade de visitantes do Mudi (Museu Dinâmico Interdisciplinar) da UEM.

Metodologia

O presente estudo teve por base revisões bibliográficas em *sites* oficiais e artigos científicos, de modo a compor um texto informativo.

Desenvolvimento

A produção de plantas medicinais, condimentares e aromáticas, no estado do Paraná, teve início na década de 1980, quando os pequenos agricultores enfrentavam dificuldades econômicas em relação às poucas alternativas de espécies agricultáveis na região metropolitana de Curitiba. A EMPRESA PARANENSE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL(EMATER) teve grande importância para a implantação dessa alternativa, que foi muito bem aceita pelos agricultores, tendo se iniciado com a produção de camomila. A prática foi, então, difundida para outras regiões paranaenses e posteriormente, outras espécies foram introduzidas. De acordo com a EMATER, em 1994 o estado já se tornava responsável por 90% da demanda nacional de plantas medicinais cultivadas. Nessa perspectiva podemos destacar alguns fatores que foram primordiais para impulsionar essa prática no estado, e dentre eles, a busca por alternativa de renda para agricultores familiares; a busca por sistema de produção agroecológico; a instalação de indústrias de processamento; o apoio das universidades e das instituições de pesquisa (extensão rural).

Segundo Carvalho *et al.* (2010), são três as abordagens que contribuem para aumentar a qualidade das ervas medicinais: (a) genética; (b) agrônômica, com ações desde preparo do solo antes da semeadura até a colheita e (c) química ou tecnológica, que envolve atividades realizadas da colheita ao produto final. Desse modo, seguindo esses critérios de controle de qualidade, desde a produção até a etapa do pós-colheita é possível obter ótimos resultados que acrescentaria tanto economicamente para os produtores quanto em qualidade para o consumo. Também faz-se necessária uma conscientização sobre viabilidade econômica de produção de acordo com o tamanho da propriedade, ou seja, qual a cultura indicada para o tamanho de área do produtor.

O governo brasileiro percebendo a importância do setor de plantas medicinais, se propôs a desenvolver política pública de saúde para essa cadeia produtiva. O Paraná, de acordo com a Agência de notícias do governo do estado do PR (AEN), é o maior produtor de plantas medicinais, aromáticas e condimentares do país, com cerca de 1,8 mil agricultores familiares trabalhando no cultivo das ervas, que em 2014 alcançou uma produção de 27,4 mil toneladas, com destaque para a camomila, hortelã, melissa e oginseng-brasileiro.

Dentre as regiões produtoras no estado do paraná, destaca-se a de Curitiba e de Guarapuava. A CERCOPA (Empresa de beneficiamento e comércio de produtos alimentícios) de Guarapuava, investiu na produção e comercialização de chás e percebeu que era um nicho de mercado promissor. Segundo a empresa

CERCOPA(2016):

Nós resgatamos o chazinho da vovó. Inclusive somos pioneiros na comercialização dos pacotinhos de chás nos mercados, com 80% da produção é destinada aos supermercados da região. Antes esse tipo de produto só estava disponível em lojas especializadas, e aos poucos fomos inserindo também nos mercados. A aceitação foi boa, a produção foi crescendo e hoje nossos chás estão em todo o Brasil.

Segundo Siqueira et al. (2016) são vendidos aproximadamente 20 mil pacotes de chá por mês, e doze estados recebem as ervas produzidas no Paraná. Além da famosa camomila, outras ervas como alcachofra, alfazema, amora miúda, calêndula, carqueja, cavalinha, chapéu-de-couro, erva-cidreira, erva-de-são-joão, espinheira-santa, capim-limão, maracujá, melissa, alecrim, guaco, chá-de-bugre, hortelã, macela, manjerona, pata-de-vaca, poejo, perpétua quebra-pedra, sálvia, sete-sangrias, sucupira e tanchagem também vêm de produtores familiares dos municípios vizinhos de Guarapuava.

Grande parte da população mundial já faz uso de medicamentos derivados de plantas medicinais. No Brasil, mais de 90% da população já fez uso de alguma planta medicinal (ABIFISA, 2007). Isso se deve aos povos que formaram a população brasileira, dentre os quais estão os europeus, os africanos e os indígenas. Nesse contexto, segundo Castro et al. (2001), não devemos negar que povos tradicionais, como caboclos e índios, contribuíram de maneira ampla no descobrimento dos princípios ativos das plantas medicinais para produção de remédios e drogas, auxiliando o início de pesquisas científicas nessa área.

Para levar as informações acadêmicas até a comunidade no geral, os museus de ciências desempenham um papel relevante perante à sociedade. Ao exemplo do Mudi, nos ambientes temáticos são oferecidas pequenas palestras aos visitantes, com o intuito de repassa-lhes informações sobre as plantas medicinais. Desse modo, segundo Falk e Dierking (2002), existe um consenso com relação à importância e à necessidade de se elaborar políticas e estratégias pedagógicas que efetivamente auxiliem na compreensão do conhecimento científico, por meio de experiências fora da escola.

Referências

ABIFISA. Associação Brasileira das Empresas do Setor Fitoterápico, Suplemento Alimentar e de Promoção da Saúde. 2007. Disponível em: <<http://www.abifisa.org.br/>> Acesso em: 15 jul. 2017.

CASTRO, H. G, et al. A Dialética do conhecimento no uso das plantas medicinais.

Revista Brasileira de Plantas Medicinais: FUNDIBIO, 2001.

DIAS, B. F. S. Balanço da biodiversidade na Amazônia: uma introdução ao desconhecido. *Seminário Especial. A Biodiversidade como estratégia moderna de desenvolvimento da Amazônia*. Estudos e Pesquisas, INAE, Rio de Janeiro, n. 17, 2001.

FALK, J., DIERKING, L.D. *Lessons Without Limit – how free-choice learning is transforming education*. Altamira Press, California, 2002.

CARVALHO, L.M. de; COSTA, J.A.M; CARNELOSSI, M.A.G. *Qualidade em plantas medicinais*. Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju. 2010, 54p.

SIQUEIRA, J; DENICIEVICZ,S, *Agoraonline*. Cercopa; Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/jornalagora/plantas-medicinais-sao-cultivadas-em-grande-escala-na-regiao-de-guarapuava/>>. Acesso em : 02 set. 2017

JÚNIOR CORRÊA, C. *Cultivo de Plantas Medicinais Condimentares e Aromáticas*. Editora: Funeo/ Unesp, 1994.

EMATER, Instituto paranaense de assistência técnica e extensão rural. Produção vegetal, plantas medicinais e condimentares; disponível em:

<<http://www.emater.pr.gov.br/>>. Acesso em: 05 set. 2017.

**EFICÁCIA DAS MEDIDAS EDUCATIVAS E
PREVENTIVAS PARA MÃES E BEBÊS NO PROJETO DE
EXTENSÃO “PROMOÇÃO DE SAÚDE BUCAL NOS
DIFERENTES CICLOS DE VIDA: GESTANTES E BEBÊS”**
Área Temática: Saúde

**Laís Albuquerque Marengoni¹, Marina de Loudes Calvo Fracasso², Gabriela
Cristina Santim³, Jéssica Crispim⁴, Maria Gisette Arias Provenzano⁵**

¹Aluna da curso de Odontologia, bolsista, contato: marengonilais@gmail.com

²Prof.^a do Departamento de Odontologia - DOD/UEM, contato: mafracasso@gmail.com

³Prof.^a do Departamento de Odontologia - DOD/UEM, contato: gabsantin1310@gmail.com

⁴Aluna da Residência de Odontopediatria – DOD/UEM, contato: jessicabcrispim@gmail.com

⁵Prof.^a do Departamento de Odontologia - DOD/UEM, contato: mga.provenzano@gmail.com

Resumo: *A pesquisa avaliou a eficácia das medidas educativas e preventivas em crianças de 0 a 5 anos participantes do Projeto de Extensão “Promoção de saúde bucal nos diferentes ciclos de vida: gestantes e bebês”. Por meio da análise dos prontuários, coletou-se dados de pacientes, num total de 260 crianças. 52,5% são do gênero feminino; 30% apresentaram alto risco à cárie dentária, 70% relataram o uso de mamadeira, 33% apresentam o hábito de sucção da chupeta e 55,5% das crianças ficam na creche durante todo o dia. Houve associação significantes ($p=0,02$) entre o número de vezes que a criança escova os dentes com o comportamento psico-social. Conclui-se que os conhecimentos e práticas maternas devem ser aprimorados constantemente, investindo-se na promoção da saúde bucal.*

Palavras-chave: *Promoção de Saúde. Cárie dentária, Criança.*

Introdução

Diversas evidências apontam para ocorrência da cárie precoce da infância, a qual afeta 34% dos bebês entre zero e trinta meses (WALTER, et al., 1996). Este fenômeno é resultante da ausência de medidas de saúde voltadas para gestantes e bebês, já que recentemente muitas crianças tinham o início do atendimento odontológico em idade escolar, quando a doença cárie já estava instalada (BALDANI et al, 2002). Desta forma, grande parte desta população, desassistida de atendimento odontológico, já apresentava necessidades curativas no primeiro exame de rotina. Em termos de promoção de saúde, o atendimento odontológico deveria iniciar antes da possibilidade do aparecimento da doença, ou seja, no primeiro ano de vida (HOEFT et al. 2016). Os resultados favoráveis em relação ao controle da cárie (85% redução na prevalência em crianças atendidas no primeiro ano de vida, afirmaram a Odontologia para Bebês como tópico importante da Odontologia, culminando no ano de 1993, durante a 2ª Conferência Nacional de Saúde Bucal, em Brasília, com o reconhecimento do atendimento odontológico ao bebê como um “direito de cidadania” (WALTER et al., 1996). Assim, a cárie precoce da infância é considerada como um problema de saúde pública devido a sua alta incidência e grande abrangência entre as diferentes populações (LE MOS et al. 2011). O sucesso das

medidas de atenção precoce aponta para um impacto significativo sobre os índices epidemiológicos de saúde bucal.

Objetivos

Avaliar a eficácia do programa educativo e preventivo em crianças de 0 a 5 anos atendidas no Projeto de Extensão “Promoção de saúde bucal nos diferentes ciclos de vida: gestantes e bebês”. Além disso, avaliar os conhecimentos maternos em relação aos cuidados com a saúde bucal da criança e ainda as práticas no cuidado com a criança na rotina diária em casa.

Materiais e métodos

Foi realizado um estudo transversal com os prontuários dos bebês, analisando-se os dados sócio econômicos dos responsáveis, os conhecimentos da mãe ou responsáveis em relação à saúde bucal do bebê e as práticas no dia a dia cuidando dos dentes do bebê em casa, analisando-se crianças de 0 a 5 anos, atendidas no Projeto de Extensão “Promoção de saúde bucal nos diferentes ciclos de vida: gestantes e bebês”, lotado na Universidade Estadual de Maringá. (Processo 408408)

O presente projeto visa o atendimento odontológico à criança, sendo sua adscrição ao programa se faz por agendamento, ressaltando que os bebês devem ser agendados antes de completarem 12 meses de idade, e alta do atendimento prevista para os 6 anos. Inicialmente as mães e bebês são acolhidos, participam de palestra sobre saúde bucal elaborada pelos acadêmicos que estudam temas relacionados e são orientados pelos docentes. Durante o período que as mesmas permanecerem em atendimento, ambas as mães e crianças receberam consultas bimestrais enfatizando a necessidade de interpor medidas para interceptação de hábitos nocivos de dieta, higiene e sucção não nutritiva, bem como o atendimento clínico, prevenindo desta forma o aparecimento de lesões de cárie e maloclusões.

Os dados quantitativos foram analisados utilizando o programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS for Windows, versão 15.0, SPSS® Inc, Chicago, III)*, obtendo-se a frequência relativa (%) das variáveis estudadas e em seguida realizado o teste Qui-quadrado, fixando-se o nível de significância em 5%..

Resultados e discussão

Decorridos nove anos da implantação do Projeto de Extensão Promoção de saúde bucal nos diferentes ciclos de vida: gestantes e bebês, foram atendidos um total de 260 crianças, entre um mês de vida e cinco anos de idade (média de 53 meses), estando atualmente 44% das crianças em atendimento; 30% em alta e 26% desligadas do programa. Das crianças atendidas durante o período deste relatório, 52,5% são do gênero feminino; 30% apresentaram alto risco à cárie dentária, 70% relataram o uso de mamadeira, 33% apresentam o hábito de sucção da chupeta e 55,5% das crianças ficam na creche durante todo o dia. Houve associação significantes ($p=0,02$) entre o número de vezes que a criança escova os dentes com o comportamento psico-social, observando-se que as crianças com comportamento negativo escovam os dentes numa frequência bem menor que as crianças com comportamento positivo. Somente 19,2% das crianças fazem uso de fio dental. Quanto ao perfil das famílias participantes, 37,5%

das mães concluíram o terceiro grau, 32% possuem renda de até 3 salários mínimos, 82,4% já haviam recebido orientação sobre cuidados e prevenção da cárie dentária, 55,6% orientados pelo cirurgião dentista, 80,1% relataram que a primeira consulta da criança ao dentista deve acontecer antes dos 12 meses de idade, 64,4% dos familiares auxiliam a criança na colocação do dentifrício, numa quantidade de um terço da escova (82%).

Conclui-se que as mães possuem consciência sobre os cuidados em saúde bucal na primeira infância. Contudo, os conhecimentos ainda devem ser aprimorados e colocados em prática, aliados ao reforço positivo constante com ações educativas para promoção da saúde bucal.

Referências

BALDANI, Márcia Helena; NARVAI, Paulo Capel; ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. Cárie dentária e condições sócio-econômicas no Estado do Paraná, Brasil, 1996 Dental caries and socioeconomic conditions in the State of Paraná, Brazil, 1996. **Cad. Saúde Pública**, v. 18, n. 3, p. 755-763, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Coordenação Nacional de Saúde Bucal. Projeto SB Brasil: condições de saúde bucal da população brasileira 2010. Resultados principais.** Brasília; 2011.

HOEFT KS, et al. Effectiveness evaluation of Contra Caries Oral Health Education Program for improving Spanish-speaking parents' preventive oral health knowledge and behaviors for their young children. **Community Dent Oral Epidemiol.** v.44, n.6, p.564-576, 2016.

KRAMER PF, et al. Exploring the impact of oral diseases and disorders on quality of life of pre- school children. **Community Dent Oral Epidemiol.** v.41, p. 327– 35, 2013.

LEMOS LVFM, Zanon ACC, Myaki SI, Walter LRF. Dental caries in children participating in a Dentistry for infants Program. **Einstein (São Paulo).** v. 9, n.4, p. 503-507, 2011.

RIBEIRO, Nilza ME; RIBEIRO, Manoel AS. Breastfeeding and early childhood caries: a critical review. **Jornal de pediatria.** v. 80, n.5, p. 199-210, 2004.

WALTER, L.R.F.; FERELLE, A.; ISSAO, M. Educação odontológica: necessidades educativas. In:_____. *Odontologia para o bebê: Odontopediatria do nascimento aos 3 anos.* São Paulo, Artes Médicas, 1996. Cap.5, p.74-91.

WEINSTEIN,P.; OBERG,D.; DOMOTO,P.K.; et al. A prospective study of the feeding and brushing practices of WIC mothers: six-and twelve-month data and ethnicity and familial variables. **J Dent Child,** v.63, n.2, p.113-7, 1996.

Sessão 11 – Texto 133

ASPECTOS DA ATENÇÃO EM SAÚDE NA COMUNIDADE RURAL ELZA LERNER EM MANDAGUAÇU-PR Área Temática: Saúde

¹Andressa Casa Grande de Matos, ²Eloyne Tavares da Silva², ³Hadassa Laryne Fabricio, ⁴Herbert Leopoldo de Freitas Goes, ⁵Hortência Machado Irineo, ⁶Hosanna Patrig Fertonani, ⁷Keller Karla de Lima, ⁸Ritiele Amorin

¹Aluna do curso de Enfermagem, contato: andressa.cmatos@hotmail.com

²Aluna do curso de Enfermagem, contato: eloyneh.tavares@gmail.com

³Aluna do curso de Enfermagem bolsista Fundação Araucária, contato:hadassalarine@hotmail.com

⁴Profº Depto de Enfermagem – DEN/UEM, contato: hlfgoes@uem.br

⁵Aluna do curso de Enfermagem bolsista DEX/UEM, contato: hortenciairineo@gmail.com

⁶Profº Depto de Enfermagem – DEN/UEM, contato:hpfertonani@uem.br

⁷Aluna do curso de Enfermagem, contato: kellerkarlalima@gmail.com

⁸Aluna do curso de Educação Física, contato:ritieleramorin@gmail.com

Resumo: *A atenção primária à saúde é a porta de entrada para os serviços de saúde, da população nas diferentes regiões brasileiras, contudo esse acesso é precário quando se trata de população rural. Este artigo tem como objetivo relatar a experiência de graduandos dos cursos de Enfermagem e Educação Física, nas ações de promoção da saúde, desenvolvidas junto aos moradores da Vila Rural Elza Lerner de Mandaguaçu- PR. Foram oferecidas durante o primeiro semestre de 2017, realização de atividades físicas e orientações sobre alimentação e qualidade de vida à população rural. Os resultados foram satisfatórios, com boa receptividade pelos moradores da vila, favorecendo a melhoria da qualidade de vida, saúde e bem estar da população além de fortalecer as ações dos graduandos por meio do projeto de extensão.*

Palavras chave: *Enfermagem – Idosos – Promoção da saúde*

Introdução

A atenção primária a saúde (APS), principal porta de entrada dos usuários aos serviços de saúde, encontra ainda no Brasil muita dificuldade no que se refere ao cuidado da população rural. Existe um potencial de vulnerabilidade da população rural em relação a problemas de saúde que tem relação com fatores como as condições precárias de moradia, baixa escolaridade, transporte dificultado, pouco acesso a serviços de saúde próximos, entre outros fatores (PITILIN E LENTSCK, 2015).

Apesar da expansão dos serviços da APS em todo país, ainda persiste nas comunidades rurais a falta de profissionais de saúde, unidades de atendimento, e quando é possível o deslocamento de pessoal para esses locais, não é de forma frequente impedindo muitas vezes a formação de vínculos com a população, atuando apenas no tratamento centrado na patologia, sem explorar os determinantes e condicionantes de vida e saúde da população nos diferentes cenários (PITILIN E LENTSCK, 2015).

A rede de atenção à saúde de Mandaguaçu que pertence a 15ª regional de saúde